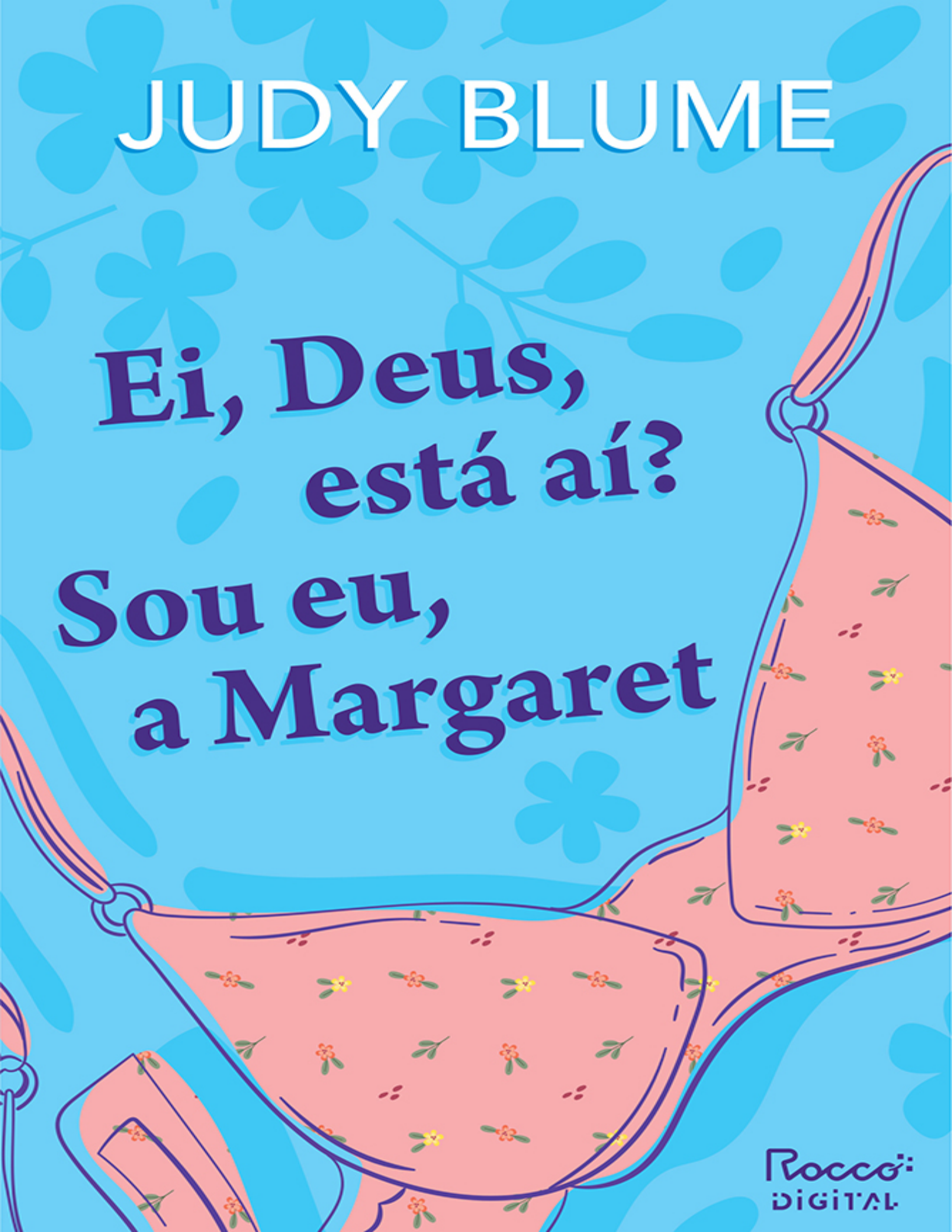


The background is a vibrant blue with stylized, light blue floral and leaf patterns. On the right side, there is a large, stylized illustration of a pink garment, possibly a bikini bottom or a pair of shorts, featuring a pattern of small orange and yellow flowers with green leaves. The garment is outlined in a dark blue line.

JUDY BLUME

**Ei, Deus,
está aí?**

**Sou eu,
a Margaret**

**Rocco[®]
DIGITAL**



JUDY BLUME

**Ei, Deus,
está aí?
Sou eu,
a Margaret**



Tradução de Luisa Geisler

Rocco
DIGITAL

Para minha mãe

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Créditos

A Autora

Índice

I

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. A gente vai se mudar hoje. Eu estou com medo, Deus. Nunca morei num lugar que não fosse aqui. E se eu odiar a escola nova? E se todo mundo lá me odiar? Por favor, me ajuda, Deus. Que Nova Jersey não seja tão horrível. Obrigada.

A gente se mudou na terça-feira antes do Dia do Trabalho. Eu sabia como o clima de setembro estava no instante em que me levantei. Sabia porque peguei minha mãe cheirando embaixo do braço. Ela sempre faz isso quando o clima está quente e úmido, para ter certeza de que o desodorante dela não venceu. Eu ainda não uso desodorante. Acho que as pessoas não começam a feder até ter pelo menos uns doze anos. Então ainda faltam uns meses pra mim.

Eu me surpreendi muito quando voltei da colônia de férias e descobri que nosso apartamento em Nova York tinha sido alugado para outras pessoas e que *a gente* agora era dono de uma casa em Farbrook, Nova Jersey. Eu nunca nem tinha ouvido falar de Farbrook, para começo de conversa. E, além disso, normalmente não fico de fora de decisões familiares importantes.

Mas quando resmunguei “Por que Nova Jersey?”, responderam:

— Long Island é popular demais... Westchester é caro demais... E Connecticut é inconveniente demais.

Então o destino era Farbrook, Nova Jersey, de onde meu pai conseguiria ir para o trabalho em Manhattan, onde eu poderia estudar em uma escola pública e de onde minha mãe poderia cuidar de toda a grama,

árvores e flores que ela sempre quis. Só que eu nunca nem soube que ela queria essas coisas.

A casa nova fica na Morningbird Lane. Não é ruim. Uma parte de tijolos, outra de madeira. As janelas e a porta da frente são pintadas de preto. Além disso, tem uma daquelas aldravas antigas, para bater na porta, de bronze. Todas as casas na rua são quase iguais. Todas têm sete anos. As árvores também.

Acho que saímos de Manhattan por causa da minha avó, Sylvia Simon. Não consigo imaginar outro motivo para a mudança. Principalmente porque minha mãe diz que a vovó me influencia demais. Não é segredo na família que é a vovó que me manda para a colônia de férias em New Hampshire. E que ela gosta de pagar a mensalidade da minha escola particular (algo que não vai mais poder fazer agora, porque vou para uma escola pública). Ela inclusive tricota suéteres para mim com umas etiquetas que dizem FEITO ESPECIALMENTE PARA VOCÊ... PELA VOVÓ.

E ela não faz tudo isso porque somos pobres. Eu tenho certeza de que não somos. Quer dizer, não somos ricos, mas com certeza temos o suficiente. Ainda mais porque sou filha única. Isso diminui muito o custo de comida e roupas. Conheço uma família que tem sete filhos e, cada vez que eles precisam comprar sapatos, gastam um dinheirão. Minha mãe e meu pai não planejaram que eu fosse filha única, mas foi assim que as coisas aconteceram. Por mim tudo bem, já que desse jeito não tem ninguém para brigar comigo.

De qualquer forma, acho que essa história de uma casa em Nova Jersey é o jeito que os meus pais arrumaram de me afastarem da vovó. Ela não tem carro, odeia ônibus e acha todos os trens sujos. Então, a não ser que a vovó vá andando, o que é pouco provável, não vou vê-la muito no futuro. Agora, algumas crianças poderiam pensar: quem se importa com ver uma avó? Mas Sylvia Simon é muito divertida, considerando a idade que tem, que eu sei que é sessenta anos. O único problema é que ela sempre me pergunta se eu tenho namorado e se ele é judeu. *Isso sim* é absurdo, porque: número um, eu não tenho namorado; número dois, por que eu me importaria se ele é judeu ou não?

2

A gente estava na casa fazia menos de uma hora quando a campainha tocou. Eu atendi. Era uma menina de maiô.

— Oi — ela falou. — Meu nome é Nancy Wheeler. A corretora imobiliária mandou um perfil de vocês. Então eu já sei que você é a Margaret e que está no sexto ano. Igual a mim.

Eu me perguntei o que mais ela sabia.

— Está muito quente, né? — Nancy perguntou.

— Está mesmo — eu concordei. Ela era mais alta que eu e tinha cabelo ondulado. Do tipo que eu queria ter quando o meu crescesse. Ela tinha um nariz tão empinado que eu conseguia ver dentro das narinas dela.

Nancy se apoiou no batente da porta.

— Bem, quer ir lá em casa e brincar nos sprinklers?

— Não sei. Tenho que pedir pra minha mãe.

— Tudo bem. Eu espero.

Encontrei a parte de trás do corpo da minha mãe do lado de fora de um armário de cozinha. A outra parte estava enfiada lá dentro, organizando panelas e frigideiras.

— Mãe, tem uma menina que veio aqui e quer saber se eu posso brincar nos sprinklers da casa dela.

— Se você quiser... — minha mãe disse.

— Preciso do meu maiô — falei.

— Céus, Margaret! Eu não sei onde está o seu maiô nessa bagunça.

Voltei para a porta e disse para Nancy:

— Não consigo achar meu maiô.

— Posso te emprestar um — ela respondeu.

— Espera aí — eu disse, correndo de volta para a cozinha. — Mãe, ela disse que eu posso pegar emprestado um maiô dela. Tudo bem?

— Tudo bem — minha mãe resmungou de dentro do armário. Então ela saiu e soprou uma mecha de cabelo para fora do rosto. — Qual é o nome dela mesmo?

— Humm... Wheeler. Nancy Wheeler.

— Está bem. Divirta-se — minha mãe disse.

Nancy mora a seis casas de distância, também na Morningbird Lane. A casa dela se parece com a minha, mas os tijolos são pintados de branco e a porta da frente e as janelas são vermelhas.

— Pode entrar — Nancy disse.

Segui Nancy pelo hall de entrada e depois pelas escadarias até os quartos. A primeira coisa que notei no quarto de Nancy foi a penteadeira com um espelho em formato de coração em cima. Além disso, tudo era muito organizado.

Quando eu era pequena, eu queria uma penteadeira dessas. Do tipo que é decorada com uma saia bufante de organza. Mas eu nunca tive uma, porque minha mãe prefere móveis personalizados e sob medida.

Nancy abriu a gaveta de baixo da cômoda dela.

— Quando é o seu aniversário? — ela perguntou.

— Março — respondi.

— Ótimo! Vamos ficar na mesma turma. Tem três turmas de sexto ano e elas são organizadas por idade. Eu sou de abril.

— Bom, eu não sei em que turma estou, mas sei que é na sala 18. Eles me mandaram um monte de formulários para preenchermos na semana passada, e o número da sala estava escrito em todos eles.

— Falei que a gente ia ficar na mesma turma! Estou na sala 18 também.

Nancy me passou um maiô amarelo.

— Está limpo — ela disse. — Minha mãe sempre lava tudo depois de usarmos.

— Obrigada — eu falei, pegando o maiô. — Onde posso trocar de roupa?

Nancy olhou em volta.

— Qual o problema em trocar aqui?

— Nenhum — falei. — Eu não me importo se você não se importar.

— Por que eu me importaria?

— Sei lá.

Comecei a vestir o maiô pela parte de baixo. Eu sabia que ia ficar grande demais. Nancy estava me dando um nervoso, do jeito que ficava sentada na cama me encarando. Fiquei com a camiseta o máximo de tempo que deu. Eu não queria mostrar que ainda não tinha crescido nada. Isso era coisa minha.

— Ah, você ainda não tem peito. — Nancy riu.

— Não é bem assim — falei, fingindo estar tranquila. — Eu tenho ossos pequenos, só isso.

— O meu já começou a crescer — Nancy disse, inflando o peito. — Daqui a alguns anos vou ficar que nem aquelas garotas da *Playboy*.

Bom, eu achava que não, mas não falei nada. Meu pai tem umas revistas da *Playboy* e eu já vi as garotas que aparecem lá. Nancy ainda parecia bem longe de ficar daquele jeito. Quase tanto quanto eu.

— Quer que eu amarre as alças para você? — ela perguntou.

— Pode ser.

— Imaginei que você seria toda grande, já que vinha de Nova York. As meninas da cidade costumam crescer muito mais rápido. Você já beijou um garoto?

— Está falando de beijar de verdade? Na boca? — perguntei.

— É, de verdade — Nancy respondeu sem paciência. — Já beijou?

— Ainda não — admiti.

Nancy soltou um suspiro aliviado.

— Nem eu.

Eu transbordei de alegria. Antes de ela admitir isso, eu estava começando a me sentir como uma criancinha sem peitos.

— Mas eu pratico bastante — disse Nancy.

— Pratica o quê? — perguntei.

— O beijo! Não é disso que a gente estava falando? *De beijar!*

— E como é que se pratica um beijo? — perguntei.

— Olha só. — Nancy agarrou o travesseiro da cama e abraçou. Ela beijou o travesseiro por muito tempo. Quando terminou, ela jogou o travesseiro de volta na cama. — É importante experimentar, para estar pronta quando o momento chegar. Eu vou beijar muito bem um dia. Quer ver outra coisa?

Eu simplesmente fiquei parada ali com a boca entreaberta. Nancy se sentou na penteadeira e abriu uma gaveta.

— Olha só — ela disse.

Eu espiei. Tinha um milhão de garrafinhas, vidros e tubos. Havia mais cosméticos naquela gaveta do que minha mãe tinha em toda a casa.

— O que você faz com tudo isso? — perguntei.

— É outra coisa que eu experimento. Para ver como eu fico melhor. Para, quando chegar a hora, eu estar pronta. — Ela tirou a tampa de um batom e pintou a boca de rosa-shocking. — Então, o que você acha?

— Humm... Sei lá. É meio chamativo, não é?

Nancy se olhou no espelho em forma de coração. Ela esfregou os lábios um no outro.

— Bom, talvez você tenha razão. — Ela limpou o batom com um lenço. — Minha mãe ia me matar se eu saísse assim, de qualquer forma. Eu mal posso esperar para estar no oitavo ano. É quando vou poder usar batom todos os dias.

Então ela pegou uma escova de cabelo e começou a passar nos fios compridos e castanhos. Ela dividiu o cabelo no meio e prendeu a parte de trás com uma presilha.

— Você sempre usa o seu cabelo assim? — ela me perguntou.

Minha mão disparou para a nuca. Eu senti todos os grampos que tinha usado para prender o cabelo, para o pescoço não suar. Eu sabia que estava péssimo.

— Estou deixando crescer — eu falei. — Está naquele meio do caminho agora. Mas minha mãe acha que eu deveria usar por cima das

orelhas. Elas são um pouco para fora.

— Eu notei — Nancy disse.

Fiquei com a sensação de que Nancy notava *tudo*!

— Pronta? — ela perguntou.

— Sim.

No corredor, ela abriu um armário de roupa de cama e banho e me passou uma toalha roxa. Eu segui Nancy pelas escadas até a cozinha, onde ela pegou dois pêssegos da geladeira e me entregou um.

— Quer conhecer minha mãe? — ela perguntou.

— Tá bem — falei, mordendo meu pêssego.

— Ela tem trinta e oito anos, mas diz que tem vinte e cinco. Que piada! — Nancy bufou.

A sra. Wheeler estava sentada na varanda com as pernas embaixo do corpo e com um livro no colo. Eu não consegui ver que livro era. Ela era bronzeada e tinha o nariz igual ao de Nancy.

— Mãe, essa é Margaret Simon, que acabou de se mudar para a nossa rua.

A sra. Wheeler tirou os óculos e sorriu para mim.

— Oi — falei.

— Oi, Margaret. Que bom te conhecer. Você é de Nova York, não é?

— Sou, sim.

— Do East ou do West Side?

— A gente morava no West Side, na rua 67. Perto do Lincoln Center.

— Que legal. Seu pai ainda trabalha na cidade?

— Trabalha.

— E o que ele faz?

— Ele trabalha com seguros. — Eu parecia um computador respondendo assim.

— Que legal. Por favor, fale para sua mãe que quero muito conhecê-la. Temos uma equipe de boliche das mães aqui da Morningbird Lane, às segundas-feiras, e um jogo de bridge a cada quinze dias, nas quintas-feiras à tarde, e também...

— Ah, acho que minha mãe não sabe jogar boliche, e ela não liga muito para bridge. Ela passa quase o dia todo pintando — expliquei.

— Ela pinta? — a sra. Wheeler perguntou.

— Sim.

— Que interessante. O que ela pinta?

— Na maior parte do tempo, quadros de frutas e vegetais. Às vezes flores.

A sra. Wheeler riu.

— Ah, pinta *quadros*! Pensei que estivesse falando de paredes! Diga para sua mãe que vamos começar a montar o revezamento de carona para as atividades extracurriculares mais cedo esse ano. Nós poderíamos ajudar a organizar a parte dela... Principalmente a escola dominical. Essa sempre é a mais difícil.

— Eu não vou para escola dominical.

— Não vai?

— Não.

— Que *sortuda* — Nancy gritou.

— Nancy, *por favor*! — a sra. Wheeler falou.

— Ah, mãe... A Margaret veio para brincar nos sprinklers comigo, não para ser interrogada.

— Tudo bem. Se você encontrar o Evan, avise que eu quero falar com ele.

Nancy me puxou pela mão para fora da casa.

— Desculpa por minha mãe ser tão enxerida.

— Não tem problema — falei. — Quem é Evan?

— É o meu irmão. Ele é nojento!

— Por que nojento? — perguntei.

— Porque ele tem catorze anos. Todos os garotos de catorze anos são nojentos. Só querem saber de duas coisas... fotos de garotas peladas e livros pornográficos!

Nancy realmente parecia saber muito. Já que eu não conhecia nenhum garoto de catorze anos, acreditei no que ela dizia.

Nancy ligou a torneira do jardim e a ajustou para a água soltar sprays leves do sprinkler.

— Siga a líder! — ela gritou, correndo pela água. Supus que Nancy fosse a líder.

Ela saltava pelo spray de água. Eu segui. Ela fez uma estrelinha. Eu tentei imitar, mas não consegui. Ela deu saltos. Eu também. Ela ficou parada bem abaixo do spray. Eu fiz a mesma coisa. Foi quando a água saiu numa explosão total. Nós duas ficamos encharcadas, inclusive o nosso cabelo.

— Evan, seu bocó! — Nancy gritou. — Vou contar pra mamãe! — Ela saiu correndo para dentro de casa e me deixou sozinha com dois garotos.

— Quem é você? — Evan perguntou.

— Margaret. Acabei de me mudar.

— Ah. Esse é o Moose — ele disse, apontando para o outro garoto.

Acenei com a cabeça.

— Oi — Moose disse. — Como você acabou de se mudar, pergunta pro seu pai se ele quer que eu corte a grama dele. Cinco dólares por semana, e eu faço a poda do que precisar também. Qual é o seu sobrenome mesmo?

— Eu não disse meu sobrenome. Mas é Simon. — Eu não conseguia parar de pensar no que Nancy tinha dito... que tudo o que eles queriam saber era de livros pornográficos e de mulheres peladas. Apertei minha toalha com força ao redor do corpo, caso estivessem tentando espiar meu maiô.

— *Evan! Venha aqui neste exato momento!* — a sra. Wheeler gritou da varanda.

— Já vou... Já vou — Evan murmurou.

Depois de Evan entrar, Moose disse:

— Não esquece de falar pro seu pai. *Moose Freed*. Estou na lista telefônica.

— Não vou esquecer — prometi.

Moose estava mordiscando uma folhinha de grama. Então a porta dos fundos bateu e Nancy saiu, fungando e com os olhos vermelhos.

— Ei, bebê Nancy! Não aguenta uma brincadeirinha? — Moose perguntou.

— Cala a boca, seu animal! — Nancy gritou. Então ela se virou para mim. — Desculpa por eles terem se comportado assim no seu primeiro dia aqui. Vamos, eu levo você pra casa.

Nancy veio com minhas roupas dobradas. Ela ainda estava vestindo o maiô molhado e foi apontando e dizendo quem morava em cada casa no caminho.

— Vou para a praia com a minha família no fim de semana do Dia do Trabalho — ela disse. — Então me chama no primeiro dia de aula para irmos juntas. Estou morrendo de curiosidade para saber quem vai ser nosso professor. A senhorita Phipps, que seria a nossa professora, fugiu com um cara para a Califórnia em junho do ano passado. Então vai ser alguém novo.

Quando cheguei na minha casa nova disse para Nancy que, se ela esperasse um minuto, eu devolveria o maiô.

— Não tem pressa. Fala para sua mãe lavar e você me devolve semana que vem. Esse aí já está velho.

Fiquei um pouco triste por ela me dizer isso. Mesmo que eu já tivesse imaginado. Quer dizer, eu também não emprestaria meu melhor maiô para uma estranha, mas não falaria isso na cara dela.

— Ah, e escuta, Margaret — Nancy completou. — No primeiro dia de aula, usa seus sapatos sem meias.

— Por quê?

— Senão, você vai parecer uma criancinha.

— Ah.

— Além disso, quero que você faça parte do meu clube secreto e, se estiver de meia, os outros podem não querer te deixar entrar.

— Que tipo de clube secreto? — perguntei.

— Eu conto pra você quando as aulas começarem.

— Tudo bem.

— E não esquece: sem meias!

— Vou lembrar.

Fomos jantar numa hamburgueria. contei para o meu pai sobre Moose Freed.

— Só cinco pratas para cortar a grama, e ele faz a poda do que precisar também.

— Não, obrigado — meu pai disse. — Estou animado para cortar minha própria grama. Esse é um dos motivos por que nos mudamos para cá. Jardinagem faz bem para a alma.

Minha mãe estava irradiando alegria. Eles realmente estavam me enlouquecendo com toda essa conversa de faz-bem-para-a-alma. Eu me perguntava quando eles tinham se tornado tão amantes da natureza.

Mais tarde, quando eu estava me preparando para deitar, abri a porta de um armário, pensando que era a do banheiro. Será que eu algum dia me acostumaria a morar nesta casa? Quando enfim deitei na cama e apaguei a luz, vi sombras na parede. Tentei fechar os olhos e não pensar muito nelas, mas eu ficava conferindo se ainda estavam lá. Não conseguia dormir.

Ei, Deus, está aí? É a Margaret. Estou no meu quarto novo, mas ainda tenho a mesma cama. Aqui é tão silencioso à noite... muito diferente da cidade. Eu vejo sombras na parede do meu quarto e escuto uns rangidos estranhos. É assustador, Deus! Mesmo que meu pai diga que todas as casas fazem barulhos e que as sombras são só das árvores. Espero que ele saiba do que está falando! Conheci uma garota hoje. Ela se chama Nancy. Ela esperava que eu já fosse bem crescida, então acho que ela ficou frustrada. Você não acha que é hora de eu começar a crescer, Deus? Se puder providenciar isso, eu ficaria muito feliz. Obrigada.

Meus pais não sabem que eu falo com Deus. Quer dizer, se eu contasse para eles, achariam que eu sou algum tipo de fanática religiosa ou coisa assim. Então, mantenho isso em segredo. Posso falar com ele sem mover os lábios, se precisar. Minha mãe diz que Deus é uma ideia simpática. Ele é de todos.

3

No dia seguinte, fomos para uma loja de ferragens onde meu pai comprou um cortador de grama de primeira linha. Naquela noite, depois do nosso primeiro jantar na casa de Nova Jersey (sanduíches de peru de uma delicatessen local), meu pai saiu para cortar a grama com seu cortador novo. Ele se saiu bem na frente, mas, quando chegou no quintal, precisou conferir quanta grama tinha no saco do cortador. É uma coisa muito simples de fazer. O homem na loja de ferragens mostrou exatamente o passo a passo. Só que você precisa desligar o cortador antes de colocar a mão, e meu pai se esqueceu disso.

Ouvi quando ele gritou:

— Bárbara... Sofri um acidente! — Meu pai correu para a casa, pegou uma toalha e a enrolou na mão antes que eu visse qualquer coisa. Então, ele se sentou no chão, muito pálido.

— Ai, meu Deus! — minha mãe disse quando o sangue ensopou a toalha. — Cortou fora?

Quando ouvi isso, eu corri para o quintal para procurar a parte decepada. Eu não sabia se era a mão toda ou o que, mas tinha lido que precisamos recuperar os membros se eles forem cortados, porque às vezes o médico consegue costurar de volta. Pensei que era bom que eu estivesse em casa para pensar nessas coisas. Mas não consegui encontrar nem mão, nem dedo nenhum, e, quando eu entrei de novo, a polícia estava lá. Minha mãe estava sentada no chão também, com a cabeça do meu pai no colo.

Eu andei no carro de polícia com eles, já que não tinha mais ninguém em casa para ficar comigo. Eu tive uma conversa silenciosa com Deus no

caminho para o hospital. Falei só na minha cabeça para ninguém perceber.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Meu pai teve um acidente horrível. Por favor, ajuda ele, Deus. Ele é muito gentil e legal. Mesmo que ele não o conheça do jeito que eu conheço, é um bom pai. E ele precisa da mão dele, Deus. Então, por favor, por favor, faz meu pai ficar bem. Eu faço o que você quiser, se puder ajudar o meu pai. Obrigada, Deus.

No fim das contas, meu pai não tinha arrancado nada, mas precisou de oito pontos para costurar o dedo. O médico que fez isso foi o dr. Potter. Depois de terminar de atender meu pai, ele saiu para conversar com a gente. Quando me viu, ele disse:

— Tenho uma filha mais ou menos da sua idade.

Adoro como as pessoas acham que conhecem alguém da sua idade até você falar *realmente* quantos anos tem.

— Vou fazer doze — falei.

— Gretchen tem quase doze também — o médico disse.

Nossa! Ele acertou mesmo a minha idade.

— Ela vai para o sexto ano, na Escola Delano.

— Igual a você, Margaret — minha mãe me lembrou. Como se precisasse fazer isso.

— Vou falar para Gretchen te procurar — dr. Potter disse.

— Tudo bem — falei para ele.

Assim que chegamos do hospital, meu pai falou para minha mãe procurar o nome do Moose Freed na lista telefônica e combinar com ele para cortar nossa grama uma vez por semana.

No feriado do Dia do Trabalho, acordei cedo. Eu queria arrumar minha escrivaninha do quarto antes da volta às aulas. Eu tinha comprado um montão de papel, lápis, borracha, adesivo protetor de folha de fichário e cliques. Eu sou sempre muito organizada até chegar mais ou menos

outubro. Enquanto estava no meio da arrumação, ouvi um barulho. Parecia alguém batendo na porta. Esperei para ver se meus pais iam acordar. Fui na ponta dos pés até o quarto deles, mas a porta continuava fechada e estava tudo quieto, então eu sabia que não tinham levantado ainda.

Quando ouvi a batida de novo, eu desci as escadas para investigar. Não estava com medo porque sabia que era só eu gritar e meu pai me resgataria, se fosse um ladrão ou sequestrador.

A batida vinha da porta da frente. Nancy estava viajando nesse final de semana, então não poderia ser ela. E nós não conhecíamos mais ninguém.

— Quem é? — perguntei, encostando a orelha na porta.

— É a vovó, Margaret. Abra a porta.

Eu tirei a corrente, abri as duas travas e escancarei a porta.

— Vovó! Eu não acredito. Você está aqui!

— Surpresa! — ela berrou.

Coloquei um dedo sobre os lábios para avisar que meus pais ainda estavam dormindo.

Vovó estava cheia de sacolas de compras da Bloomingdale's. Mas, quando ela entrou na casa, colocou todas no chão e me deu um abraço forte e um beijão na bochecha.

— Minha Margaret! — ela disse, dando seu sorriso especial. Quando ela sorri desse jeito, mostra todos os dentes de cima. Mas não são dentes de verdade. São o que a vovó chama de ponte. Ela pode arrancar uma seção toda dos quatro dentes de cima quando quiser. Ela costumava brincar comigo fazendo isso quando eu era mais nova. É claro que eu nunca contei pros meus pais. Quando ela sorri sem os dentes da frente, fica parecendo uma bruxa. Mas, com eles na boca, ela é muito bonita.

— Vamos, Margaret. Vamos levar essas sacolas para a cozinha.

Eu peguei uma das sacolas.

— Vovó, está tão pesada! O que tem dentro?

— Salsichas, salada de batata, salada de repolho, rosbife, pão integral...

Eu ri.

— Quer dizer que isso tudo é comida?

— Claro que é comida.

— Mas tem comida em Nova Jersey, vovó.

— Não comida assim.

— Ah, tem — eu disse. — Tem até delicatessen.

— Nenhum lugar tem delicatessen como Nova York!

Não discuti. Quando a vovó põe certas ideias na cabeça, ninguém tira.

Levamos todas as sacolas para a cozinha, a vovó lavou as mãos na pia e guardou tudo na geladeira. Quando ela terminou, perguntei:

— Como você chegou aqui?

Vovó sorriu de novo, mas não disse mais nada. Ela estava preparando o café na cafeteira. Não dá para forçá-la a falar de nada antes da hora.

Enfim, ela se sentou à mesa da cozinha, arrumou o cabelo e disse:

— Eu vim de táxi.

— Lá de Nova York?

— Não — vovó disse. — Do centro de Farbrook.

— Mas como você chegou no centro de Farbrook?

— De trem.

— Ah, vovó... Não precisava!

— Precisava, sim.

— Mas você sempre disse que trens são sujos!

— E o que que tem uma ou outra sujeirinha? Eu sou lavável!

Nós duas rimos enquanto vovó trocava de sapatos. Ela havia trazido um par extra em uma das sacolas de compras, junto com suas coisas de tricô.

— Agora — ela disse —, me mostre a casa.

Eu mostrei a ela todos os cantos da casa, exceto o andar de cima. Mostrei os armários, o banheiro do andar de baixo, a nova lava-e-seca da minha mãe e a sala onde a gente assistia televisão.

Quando terminei, vovó balançou a cabeça e disse:

— Simplesmente não entendo por que eles precisavam se mudar para o interior.

— Não é exatamente o interior, vovó — expliquei. — Não tem nenhuma vaca por aqui.

— Para mim, é interior! — ela disse.

Eu ouvi barulho de água no andar de cima.

— Acho que eles acordaram. Será que vou lá ver?

— Você quer dizer que vai lá *contar*!

— Bem... vou, então?

— É claro — vovó disse.

Corri escada acima e entrei no quarto dos meus pais. Meu pai estava colocando as meias. Minha mãe estava escovando os dentes no banheiro.

— Adivinha quem está aqui? — eu disse para o meu pai.

Ele não falou nada. Bocejou.

— Ué, você não vai adivinhar?

— Adivinhar o quê? — ele perguntou.

— Adivinhar quem está aqui, nesta exata casa, neste exato minuto?

— Ninguém além de nós, espero — meu pai disse.

— Errou! — Eu dancei pelo quarto.

— Margaret — meu pai falou com sua voz de reprovação. — O que você está querendo dizer?

— A vovó está aqui!

— Isso é impossível.

— Estou falando sério, papai. Ela está lá embaixo na cozinha, preparando o café para vocês.

— Bárbara... — Meu pai entrou no banheiro e fechou a torneira. Eu fui atrás. Minha mãe estava com a boca cheia de pasta de dentes.

— Não terminei ainda, Herb — ela disse, abrindo a torneira de novo.

Meu pai fechou a torneira.

— Adivinha quem está aqui? — ele perguntou para ela.

— Como assim “quem está aqui”? — minha mãe disse.

— A Sylvia! Ela está aqui! — Meu pai abriu a torneira de novo para minha mãe poder terminar de escovar os dentes.

Mas minha mãe fechou a torneira e seguiu meu pai até o quarto. Eu fui atrás. Que divertido isso tudo! Acho que, a essa altura, mamãe engoliu

a pasta de dentes.

— Como assim, a *Sylvia*? — minha mãe perguntou ao meu pai.

— Estou falando da minha *mãe*! — ele explicou.

Minha mãe riu.

— Isso é impossível, Herb. Como é que ela chegaria aqui?

Meu pai apontou para mim.

— Pergunte para Margaret. Ela parece saber de tudo.

— De táxi — falei.

Eles não disseram nada.

— E de trem — completei.

Nada ainda.

— Não era tão sujo, pelo jeito.

Dez minutos depois, minha mãe e meu pai se juntaram à vovó na cozinha, onde a mesa estava posta e o café da manhã, pronto. É difícil ficar com raiva da vovó, ainda mais quando ela lança aquele sorriso gigante. Então meus pais não disseram nada exceto “que surpresa maravilhosa!”. Também comentaram que a vovó tinha sido esperta por conseguir pegar o trem e um táxi para nossa casa nova sem nunca ter ido a Farbrook antes.

Depois do café da manhã, subi para me arrumar. Vovó subiu comigo para ver o meu quarto.

— É muito maior que meu quarto antigo — falei.

— Sim, é maior — vovó concordou. — Cairia bem aqui uma colcha e cortinas novas. Eu vi umas esses dias... xadrez, rosa e vermelho. Depois poderíamos colocar um tapete vermelho para combinar e... — Vovó suspirou. — Mas imagino que sua mãe queira decorar tudo sozinha.

— Acho que sim — admiti.

Vovó se sentou na minha cama.

— Margaret, querida — ela começou. — Quero que você saiba que vamos continuar próximas como sempre fomos.

— Claro que vamos — falei.

— Alguns quilômetros não significam nada — vovó continuou. — Só porque eu não posso dar um pulo na sua casa depois da aula não quer dizer que não pensarei em você todos os dias.

— Eu sei disso, vovó.

— Quer saber... Vou ligar para você toda noite, às sete e meia. O que você acha?

— Não precisa ligar *toda* noite — falei.

— Eu quero! É meu dinheiro — vovó riu. — Assim você pode me contar o que está acontecendo e eu atualizo você sobre Nova York. Fechado?

— Claro, vovó.

— Mas Margaret...

— O quê?

— Você atende o telefone. Sua mãe e seu pai podem não gostar que eu ligue tanto para você. Isso fica só entre nós duas. Está bem?

— Claro, vovó. Eu amo receber suas ligações.

Todos nós passamos o resto do dia descansando no jardim. Vovó estava tricotando um suéter novo para mim, minha mãe estava plantando umas flores de outono e meu pai lia um livro. Eu estava tomando sol, pensando que seria legal começar as aulas com um bronzado.

No jantar, comemos as coisas que a vovó trouxe, e cada vez que ela mordida um pickles, dizia:

— Humm... Nada como um pickles autêntico!

A gente deu carona para ela de volta à estação de Farbrook enquanto o dia ainda estava claro. Vovó tem uma coisa com andar em Nova York à noite. Tem certeza de que vai ser assaltada. Antes de sair do carro, ela me deu um beijo de despedida e disse para os meus pais:

— Agora, não se preocupem. Prometo que vou visitar vocês só uma vez por mês. Bom... Talvez duas. E não é para ver você, Herb. Nem você, Bárbara. Tenho que ficar de olho na minha Margaret... Só isso. — Vovó piscou para mim.

Com isso, ela pegou a sacola de compras com o sapato e as coisas de tricô e foi embora, acenando até sumir de vista.

Na quarta-feira à noite, minha mãe me ajudou a lavar o cabelo e colocou uns bobes grandes na minha cabeça. Eu pretendia dormir com eles a noite toda, mas depois de uma hora eles começaram a me machucar, então eu tirei. Na quinta-feira de manhã, eu me levantei cedo, mas tive dificuldade para comer. Minha mãe disse que era normal me sentir insegura no meu primeiro dia numa escola nova. Ela disse que quando era mais nova se sentiu assim também. Minha mãe sempre fala de quando ela era mais nova. Faz isso para eu ter a sensação de que ela entende tudo.

Coloquei meu vestido novo de algodão com estampa xadrez azul, a roupa de volta às aulas. Minha mãe gosta de me ver de azul. Ela diz que ressaltava a cor dos meus olhos. Eu calcei o sapato marrom sem meia. Minha mãe achou isso uma bobagem.

— Margaret, você tem que caminhar mais de um quilômetro.

— E daí?

— E daí que você sabe que fica com bolhas sempre que anda sem meia.

— Bem, então vou ter que sofrer.

— Mas por que sofrer? Coloca a meia!

Então, essa é minha questão com a minha mãe. Quer dizer, se ela entende tanto sobre mim, por que não podia entender que eu tinha que usar sapatos sem meias? Eu falei para ela:

— Nancy disse que ninguém no sexto ano usa meia no primeiro dia de aula!

— Margaret! Eu não sei o que vou fazer quando você for adolescente, se já está agindo assim agora!

Essa é outra questão. Minha mãe sempre fala de quando eu for adolescente. Costas retas, Margaret! Uma boa postura agora cria curvas bonitas mais tarde. Lave o rosto com sabonete, Margaret! Para não ter espinhas quando for adolescente. Se quer saber, ser adolescente é bastante chato... ter espinhas e se preocupar com o próprio cheiro!

Por fim, minha mãe me desejou um bom dia. Ela me deu um beijo na bochecha e um tapinha nas costas. Caminhei até a casa da Nancy.

Quando cheguei na sala 18 da Escola de Ensino Fundamental Delano, meus pés doíam tanto que achei que não conseguiria aguentar o dia todo. Por que as mães sempre têm razão sobre essas coisas? E, no fim das contas, metade das garotas estava com meias até os joelhos.

O professor não estava na sala quando entramos. Quer dizer, o professor *de verdade*. Tinha uma garota, que eu pensei que *fosse* a professora, mas ela era só uma garota da nossa turma. Ela era muito alta (por isso que pensei que fosse a professora) e tinha os olhos que nem os de um gato. Dava para ver a marca do sutiã pela blusa dela e eu também conseguia ver pela parte da frente que não era tamanho P, não. Ela se sentou sozinha e não falou com ninguém. Eu me perguntei se ela também era nova na escola, porque o resto dos alunos estava ocupado falando e rindo sobre as férias de verão e os novos cortes de cabelo e tudo mais.

A turma se acalmou rapidamente quando um homem entrou na sala, acenou com a cabeça para nós e escreveu um nome na lousa:

MILES J. BENEDICT JR.

Quando ele deu as costas para a lousa, limpou a garganta.

— Esse sou eu — ele disse, apontando para o nome no quadro. Então, ele limpou a garganta mais duas vezes. — Sou o novo professor de vocês.

Nancy me cutucou nas costelas e sussurrou:

— Dá para acreditar?

A turma inteira estava sussurrando e sorrindo.

O sr. Benedict se voltou para o quadro. Ele escreveu seis frases. Então, se virou para nós. Colocou as mãos atrás das costas e ficou meio que balançando o corpo para a frente e para trás. Quando ele limpou a garganta, eu soube que ele ia dizer algo.

— Agora, então... ahn... vocês já sabem o meu nome. Vou contar a vocês um pouco mais sobre mim. Ahn... Eu tenho vinte e quatro anos... Eu sou... ahn... formado pelo Teachers College, que... é a faculdade de educação... Na... Universidade de Columbia e... essa é a minha primeira vez atuando como professor. Agora que vocês me conhecem, eu quero ahn... conhecer vocês. Então, por favor, se puderem copiar essas seis frases do quadro e completá-las, eu... agradeceria muito. Obrigado. — Ele tossiu. Eu achei que ele ia acabar ficando com a garganta muito irritada.

O próprio sr. Benedict Jr. entregou os papéis. Eu li as frases.

MEU NOME É...

PODE ME CHAMAR DE...

EU GOSTO DE...

EU ODEIO...

ESTE ANO NA ESCOLA, EU...

EU ACHO QUE PROFESSORES HOMENS SÃO...

Eu mordisquei a ponta do meu lápis. As duas primeiras eram fáceis. Escrevi:

MEU NOME É Margaret Ann Simon.

PODE ME CHAMAR DE Margaret.

As duas seguintes eram mais difíceis. Podia falar um milhão de coisas de que eu gostava e que eu odiava. E não sabia o que exatamente ele queria saber. Além disso, ele não responderia nenhuma pergunta. Ele se

sentou à mesa e nos observou. Ele batucava com os dedos e cruzou as pernas. Enfim, escrevi:

EU GOSTO DE cabelo comprido, atum, cheiro de chuva e coisas cor-de-rosa.

EU ODEIO espinhas, batata assada, quando minha mãe fica brava e feriados religiosos.

ESTE ANO NA ESCOLA, EU quero me divertir. E aprender o suficiente para ir para o sétimo ano.

EU ACHO QUE PROFESSORES HOMENS SÃO...

Essa era a mais difícil! Como é que eu ia saber? Cada professor é diferente. Mas eu não conseguia pensar numa maneira de encaixar isso. Então, escrevi:

EU ACHO QUE PROFESSORES HOMENS SÃO o oposto de professoras mulheres.

Pronto! Devia dar para o gasto. Era uma resposta idiota, mas eu também achava que era uma pergunta muito idiota.

Às duas e meia, Nancy me passou um bilhete. Dizia: *Encontro do Clube Secreto hoje depois da escola, na minha casa... sem meias!*

Fui para casa trocar de roupa antes de ir para a casa da Nancy. Minha mãe estava me esperando.

— Vamos lanchar e você pode me contar do seu primeiro dia de aula — ela disse.

— Não posso — respondi. — Não tenho tempo agora. Tenho que ir para a casa da Nancy. Vou participar do clube secreto dela.

— Ah, que bom — minha mãe disse. — Conta só da sua professora então. Como ela é?

— É *professor* — eu falei. — Ele se chama sr. Benedict, e esse é o primeiro emprego dele.

— Ah, caramba! Um professor de primeira viagem. O que poderia ser pior?

— Ele não é ruim — disse a ela. — Achei ele bem legal.

— Vamos ver o quanto você vai aprender — minha mãe disse.

Coloquei uma bermuda e uma camisa polo e fui para a casa da Nancy.

As outras garotas já estavam lá. Janie Loomis, Gretchen Potter e Nancy. Eram só elas. Nós nos sentamos na varanda e Nancy trouxe biscoitos e refrigerantes. Quando Gretchen se serviu de seis biscoitos Oreo de uma vez, Nancy perguntou quantos quilos ela tinha engordado no verão. Gretchen devolveu quatro biscoitos e disse:

— Não muitos.

— Vocês viram a Laura Danker entrar hoje de manhã? — Janie perguntou.

— Quem é essa? — perguntei.

Todas elas riram. Nancy falou comigo como se fosse minha mãe.

— Margaret, querida... É impossível não notar a srta. Laura Danker. A loira alta com aqueles enormes *você sabe o quê!*

— Ah, eu notei ela de cara — falei. — Ela é muito bonita.

— Bonita! — Nancy bufou. — Seja inteligente e fique longe dela. Ela não tem uma boa reputação.

— Como assim? — perguntei.

— Sabe aquele supermercado, o A&P? Meu irmão diz que ele e Moose vão com ela nos fundos.

— E — Janie acrescentou — ela usa sutiã desde o quarto ano, aposto que já ficou.

— Você já ficou, Margaret? — Nancy perguntou.

— Fiquei o quê?

— Menstruada — Nancy disse, como se eu já devesse saber.

— Ah... Não, ainda não. Você já?

Nancy tomou refrigerante e balançou a cabeça:

— Nenhuma de nós ficou ainda.

Fiquei contente de ouvir isso. Quer dizer, imagine se todas já tivessem ficado e eu fosse a única que não. Eu me sentiria péssima.

Gretchen estalou os lábios, limpou as migalhas de biscoito do colo e disse:

— Vamos ao que interessa.

— Concordo — Nancy disse. — Antes de tudo, a gente precisa de um bom nome para o nosso clube esse ano. Todo mundo pensa em um nome.

Silêncio. Todas estavam pensando. Eu não estava pensando de verdade, mas fingi que sim. Eu não sabia nada sobre o clube, então como eu poderia escolher um nome?

Gretchen sugeriu LDSA, que significava Lindas do Sexto Ano. Janie disse que era muito idiota. Então Gretchen falou que, se Janie era tão inteligente assim, por que não sugeria um nome? Janie sugeriu as Garotas MJB, que significava as Garotas Miles J. Benedict. Nancy comentou que ela tinha esquecido do Jr. no final do nome dele. Janie ficou brava e pediu licença para ir ao banheiro.

— E já que estamos falando nisso — Nancy disse —, o que vocês acham do Miles J.?

— Eu achei ele bonitinho! — Gretchen soltou uma risadinha.

— Ele é, sim... Mas é magrelo demais — disse Nancy.

Então eu enfim pensei em algo para dizer:

— Será que ele é casado?

Janie se juntou a nós de novo.

— Eu acho que não. Ele não tem cara de casado.

— De qualquer forma, vocês viram como ele olhou para a Laura? — Nancy perguntou.

— Não! Ele olhou? — Gretchen arregalou os olhos.

— Óbvio! Nenhum homem consegue se segurar e não olhar para ela — Nancy disse.

— Mas você acha que ela é assim de propósito? — perguntei.

As outras riram, e Nancy falou:

— Ah, Margaret! — Nancy tinha um talento especial de fazer eu me sentir uma toupeira.

Então conversamos sobre as perguntas do sr. Benedict, e Gretchen nos contou que ela escreveu que professores homens são muito rígidos... porque se o sr. Benedict pensasse que a gente tem medo dele, ele faria mais esforço para ser legal e fácil de lidar. Eu achei bastante inteligente e queria ter tido a mesma ideia.

— Bom, o objetivo dessas perguntas é só descobrir se somos normais — Janie disse.

Eu não tinha pensado nisso. Agora era tarde demais.

— Como ele vai saber se somos normais? — perguntei.

— Isso é fácil — Nancy disse. — Pelo jeito de responder. Tipo, se você dissesse: eu odeio minha mãe, meu pai e meu irmão, poderia ser uma pessoa esquisita. Entendeu?

Eu entendi.

Nancy estalou os dedos.

— Já sei o nome perfeito para o nosso clube — ela disse.

— Qual? — Gretchen perguntou.

— Conta logo — Janie disse.

— Vamos ser as Quatro EPAs.

— O que significa? — Janie perguntou.

Nancy jogou o cabelo para o lado e sorriu:

— As estrelas pré-adolescentes!

— Ah, essa é boa — Gretchen disse.

— Eu amei — Janie deu gritinhos.

Nós votamos anonimamente para aprovar o nome do clube e, é claro, passou. Então Nancy decidiu que todas deveríamos ter nomes secretos de estrelas, como Alexandra, Verônica, Kimberly e Mavis. Nancy escolheu ser Alexandra. Eu era Mavis.

Nancy nos lembrou de que ninguém da escola poderia saber nada do nosso clube secreto e, que nos encontros secretos, como esse, nós usaríamos nossos nomes secretos. Todas tivemos que jurar solenemente. Então cada uma teve que pensar numa regra.

A regra de Nancy era que todas tínhamos que usar sutiãs. Senti minhas bochechas esquentarem. Eu me perguntei se as outras já usavam. Achei que Janie também não usava, porque ela olhou para o chão quando Nancy falou isso.

A regra de Gretchen era que a primeira a menstruar tinha que contar para as outras como era. Contar tudo, principalmente qual era a sensação. A regra de Janie era que todas tínhamos que ter um Livro de Garotos, que era um caderno com uma lista dos nomes dos garotos na ordem de quem mais gostávamos. Toda semana, a gente tinha que mudar as listas e passar os Livros dos Garotos umas pras outras.

Por fim, Nancy me perguntou qual era a minha regra. Eu não conseguia pensar em uma como a das outras, então disse:

— A gente se encontra num dia específico da semana.

— Óbvio! — Nancy disse. — Mas *qual* dia?

— Bem, não sei — eu disse a ela.

— Está bem, vamos pensar num dia bom — Gretchen disse. — Terça e quinta não posso. Tenho que ir para a aula de hebraico.

— Ai, Gretchen! — Janie disse. — Você e esse negócio da aula de hebraico. Não dá para se livrar disso?

— Eu adoraria — Gretchen explicou. — Mas eu tenho que fazer as aulas por mais um ano, e aí termino.

— E você, Margaret? Você vai? — Janie me perguntou.

— Está falando da aula de hebraico?

— É.

— Não, não vou — eu disse.

— A Margaret não vai nem para a escola dominical. Não é? — Nancy perguntou.

— É isso mesmo — respondi.

— Como você conseguiu isso? — Gretchen perguntou.

— Eu não sou de religião nenhuma — respondi.

— Você não é...! — A boca de Gretchen ficou escancarada.

— O que seus pais são? — Janie perguntou.

— Nada — falei.

— Que incrível! — Gretchen disse.

Então todas elas ficaram me olhando e ninguém disse mais nada, e eu me senti um pouco boba. Então, tentei explicar:

— Acontece que ahn... Meu pai era judeu e ahn... minha mãe era cristã e...

O rosto de Nancy se iluminou.

— Pode continuar — ela disse.

Essa era a primeira vez que elas se interessavam por qualquer coisa que eu tivesse a dizer.

— Bom, os pais da minha mãe, que moram em Ohio, falaram para ela que não queriam um genro judeu. Se ela queria estragar a própria vida, isso era escolha dela. Mas eles nunca aceitariam o meu pai como genro.

— Não acredito! — Gretchen disse. — E a família do seu pai?

— Bom, minha avó não ficou muito contente de ter uma nora cristã, mas pelo menos aceitou a situação.

— Então o que aconteceu? — Janie perguntou.

— Eles fugiram para se casar.

— Que romântico! — Nancy suspirou.

— E é por isso que eles não são de nenhuma religião.

— Eu não culpo eles — Gretchen disse. — Eu também não seria.

— Mas se você não é de religião nenhuma, como vai saber se tem que ir à ACM ou ao Centro Comunitário Judaico? — Janie perguntou.

— Eu não sei — respondi. — Nunca pensei nisso. Talvez eu não faça parte de nenhuma das duas coisas.

— Mas *todo mundo* faz parte de uma ou da outra — Nancy disse.

— Bom, acho que meus pais que vão decidir — falei, pronta para mudar de assunto. Eu não queria contar para elas toda minha história, para começo de conversa. — Então, ahn... Que dia a gente deveria se encontrar?

Nancy anunciou que sexta-feira não era um bom dia porque ela tinha aula de piano. Janie disse que tinha balé na quarta-feira, então eu disse que só tínhamos as segundas-feiras livres, e concordamos que segunda-feira seria nosso dia de encontro. Na semana seguinte, precisávamos

trazer nossos Livros de Garotos e conferir se todas nós estávamos de sutiã.

Quando o encontro terminou, Nancy ergueu os braços bem alto. Ela fechou os olhos e sussurrou:

— Um viva para as quatro EPAs. Viva!

— Vida longa às EPAs — gritamos.

Passei o jantar todo pensando em como iria contar para minha mãe que queria usar um sutiã. Fiquei pensando por que ela nunca tinha me perguntado se eu queria um, já que ela sabia tanto sobre ser uma garota.

Quando ela veio me dar um beijo de boa noite, eu falei:

— Quero um sutiã. — Assim, na lata.

Minha mãe acendeu a luz do quarto de novo.

— Margaret... Por quê?

— Eu só quero, só isso. — Eu me escondi embaixo das cobertas para que ela não visse meu rosto.

Minha mãe respirou fundo.

— Bom, se você realmente quer, vamos ter que comprar no sábado. Pode ser?

— Pode ser. — Eu sorri. Minha mãe não era tão ruim.

Ela apagou a luz e fechou a porta até a metade. Como eu estava feliz por ter resolvido aquilo!

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Acabei de contar para minha mãe que quero um sutiã. Por favor, ajuda meu corpo a crescer, Deus. Você sabe onde. Eu quero ser que nem todo mundo. Sabe, Deus, todas as minhas amigas novas vão ou à ACM ou ao Centro Comunitário Judaico. Para qual eu deveria ir? Eu não sei o que você quer que eu faça.

No dia seguinte, depois da escola, o sr. Benedict me chamou.

— Margaret — ele disse —, eu queria conversar com você sobre suas respostas no questionário. Por exemplo, por que você odeia feriados religiosos?

Como eu me arrependia de ter escrito aquilo! Como fui idiota. Se ele estava mesmo tentando descobrir se a gente era normal, deve ter achado que eu não era.

Eu meio que ri.

— Ah, só escrevi por escrever — falei. — Eu não odeio de verdade.

— Você deve ter tido um motivo. Pode me falar. É confidencial.

Levantei a sobrancelha direita para o sr. Benedict. Consigo fazer isso certinho. Levantar uma só, sem a outra. Eu levanto sempre que não consigo pensar em algo para dizer. As pessoas notam na hora. Tem gente que me pergunta como eu consigo. Elas se esquecem do que estavam falando e se concentram na minha sobrancelha. Não sei exatamente como consigo. Eu só penso nisso e aí a sobrancelha sobe. Não consigo fazer com a esquerda. Só com a direita.

O sr. Benedict notou. Mas ele não me perguntou nada sobre como fazer isso. Ele só falou:

— Tenho certeza de que você tem um motivo razoável para odiar feriados religiosos.

Eu sabia que ele estava me esperando dizer algo. Ele não ia só deixar para lá. Então decidi contar e resolver de uma vez:

— Nenhum desses feriados é especial para mim. Eu não tenho nenhuma religião — falei.

O sr. Benedict pareceu contente. Como se tivesse descoberto um mistério profundo e obscuro sobre mim.

— Entendo. E os seus pais?

— Eles não têm religião nenhuma. Eu vou escolher a minha quando crescer. Quer dizer, se quiser.

O sr. Benedict cruzou as mãos e olhou para mim por um tempo.

Então ele disse:

— Está bem, Margaret. Pode ir.

Eu esperava que ele me achasse normal, no fim das contas. Eu tinha morado em Nova York por onze anos e meio e acho que ninguém nunca tinha me perguntado sobre a minha religião. Eu nunca sequer tinha pensado nisso. Agora, do nada, era uma coisa muito importante na minha vida.

Naquela noite, quando a vovó ligou, ela me contou que tinha feito uma carteirinha no Lincoln Center para nós duas. Nós nos encontraríamos um sábado por mês para almoçar e depois ir a um concerto. A vovó realmente é inteligente. Ela sabia que meus pais nunca negariam um sábado por mês no Lincoln Center. Era um programa cultural. E eles achavam que a cultura era muito importante. Agora, vovó e eu teríamos a oportunidade de passar algum tempo juntas, só nós duas. Mas eu estava contente que as idas pro Lincoln Center não começariam logo, porque eu não queria que nada interferisse no Dia do Sutiã.

Bem cedo no sábado de manhã, Moose Freed chegou para cortar nossa grama. Meu pai se escondeu atrás de uma revista esportiva. O dedo dele estava bem melhor, mas ainda estava enfaixado.

Fiquei sentada do lado de fora enquanto Moose cortava a grama. Eu gostava do jeito que ele cantava enquanto trabalhava. Eu também gostava dos dentes dele, que eu via quando ele sorria para mim. Eram muito limpos e brancos, e um bem na frente era meio tortinho. Eu fingia estar muito ocupada lendo um livro, mas a verdade é que... estava olhando pro Moose. Se ele olhasse na minha direção, eu enfiava o nariz de volta no livro rapidinho. Ele seria o primeiro da lista no meu Livro de

Garotos se eu tivesse coragem para isso, mas o que Nancy ia pensar? Ela odiava o Moose.

Depois do almoço, minha mãe disse para o meu pai que íamos fazer umas compras. A gente ainda tinha o mesmo carro, mas minha mãe achava que precisávamos de dois agora, porque não havia ônibus em Farbrook, e era muito caro pegar táxi. Meu pai disse que ia ver, mas eu sabia que a gente compraria outro em breve. Minha mãe consegue convencer meu pai a fazer qualquer coisa.

Minha mãe dirigiu até um shopping que tinha uma loja Lord & Taylor. Eu estava usando meu vestido xadrez azul, meus sapatos sem meias e três Band-Aid nas minhas bolhas.

Primeiro, fomos ao setor de roupas íntimas femininas, onde minha mãe disse à vendedora que queríamos comprar um sutiã para mim. A vendedora deu uma olhada em mim e falou para minha mãe que seria melhor irmos ao setor jovem, onde eles tinham sutiãs de tamanhos bem pequenos. Minha mãe agradeceu à moça e eu quase morri! Nós descemos a escada rolante e fomos até a área para adolescentes. Eles tinham uma coleção enorme de roupa íntima ali. Sutiãs, calcinhas e camisolas combinando. As únicas coisas que eu já tinha usado na vida eram calcinhas brancas e regatas normais. No máximo uma anágua do tipo que se usa por baixo da roupa, quando tinha uma festa. Minha mãe foi até o balcão e falou para a vendedora que queríamos um sutiã. Eu fiquei atrás dela e fingi não saber de nada. Eu até me abaixei para coçar uma picada de mosquito nova.

— Venha aqui, querida — chamou a vendedora.

Eu odeio gente que me chama de querida. Caminhei até o balcão e levantei a sobrancelha direita para ela.

Ela pegou alguma coisa em cima do balcão e disse:

— Vamos te medir, querida. — Ela passou a fita métrica ao meu redor e sorriu para minha mãe. — Setenta e um centímetros — ela disse.

Eu quis dar um beliscão nela.

Então a vendedora pegou um monte de sutiãs e colocou todos no balcão na nossa frente. Minha mãe foi pegando em um por um.

— Agora, querida... Eu recomendo esse modelo, o Gro-Bra. Ele cresce com você. Ainda não está pronta para uma taça tamanho AA. Acho que você pode experimentar todos e ver qual é o mais confortável.

Ela nos acompanhou até o provador, que tinha uma porta cor-de-rosa que trancava. Minha mãe se sentou numa cadeira do provador. Eu tirei o vestido. Não estava usando nada por baixo além da calcinha. Peguei o primeiro sutiã e enfiei os braços nas alças, mas não conseguia fechar atrás. Minha mãe teve que me ajudar. Ela ajustou as alças e tocou a parte da frente.

— O que achou? — ela perguntou.

— Não sei — falei.

— Apertado demais?

— Não.

— Folgado demais?

— Não.

— Gostou?

— Acho que sim...

— Prove este.

Ela tirou o primeiro sutiã e colocou o próximo em mim. Eu me perguntei se algum dia aprenderia a fazer isso sozinha. Talvez minha mãe tivesse que me vestir todos os dias.

O sutiã seguinte era mais macio que o primeiro. Minha mãe explicou que era de poliéster. Eu gostava da sensação na pele. Minha mãe concordou com a cabeça. O terceiro era chique. Era de renda e coçava. Minha mãe disse que não era prático.

A vendedora bateu na porta quando eu estava colocando meu vestido de volta.

— Como estamos? Nós encontramos alguma coisa?

Minha mãe disse a ela que sim, *nós* encontramos.

— Vamos levar três desse — ela disse, mostrando o sutiã macio.

Quando voltamos para o balcão, quem estava ali? Ninguém mais, ninguém menos do que Janie Loomis e a mãe dela.

— Ah, oi, Margaret — ela disse. — Estou comprando uns pijamas para o inverno. — As bochechas dela estavam em um tom de vermelho flamejante e eu vi o monte de sutiãs no balcão na frente dela.

— Eu também — falei. — Estou comprando uns pijamas de flanela para o inverno.

— Bom, até segunda — Janie disse.

— Isso... segunda. — Eu fiquei muitíssimo contente que minha mãe estava na outra ponta do balcão pagando pelos meus sutiãs.

Quando cheguei em casa, levei minha sacola direto para o quarto. Tirei o vestido e coloquei o sutiã. Eu primeiro fechei ao redor da cintura, então fui puxando até a altura certa. Joguei os ombros para trás e fiquei de lado. Minha aparência não tinha mudado nada. Peguei um par de meias e enfiei uma em cada lado do sutiã, para ver se ele realmente aumentava. Ficava apertado demais daquele jeito, mas eu gostava do visual. Como a Laura Danker. Tirei as meias e guardei.

Meu pai me parabenizou no jantar:

— Bem, você está crescendo mesmo, Margaret. Não é mais uma menininha.

— Ai, pai! — Foi só o que consegui pensar em dizer.

Na segunda-feira, fiquei prestando atenção nos garotos da minha turma. Eu precisava ter alguns nomes no meu Livro de Garotos até as três da tarde. Escolhi Philip Leroy, porque ele era o mais bonito. E também o Jay Hassler, porque ele tinha olhos castanhos brilhantes e unhas limpas. Decidi deixar a lista assim e explicar que não conhecia mais ninguém.

Pouco antes de o sinal tocar, o sr. Benedict nos disse que ia pedir para cada um de nós fazer um trabalho individual ao longo do ano letivo.

Todo mundo resmungou.

O sr. Benedict ergueu as mãos:

— Calma, não é tão ruim quanto parece, turma. Primeiro, é pessoal... entre mim e cada um de vocês. Não vou perguntar qual vai ser o tema. Espero que escolham sozinhos e façam do jeito que acharem melhor. A única coisa que peço é que seja sobre algo... ahn... significativo.

Mais resmungos.

O sr. Benedict pareceu arrasado.

— Eu pensei que vocês iam achar isso interessante.

Coitado do sr. Benedict, estava muito decepcionado. Pela maneira como falava, eu tinha a sensação de que a gente causava nervosismo nele. Ninguém parecia ter medo nenhum dele, e sempre se deve ter um pouquinho de medo do seu professor. Às vezes, ele só ficava sentado na mesa e olhava para nós como se não pudesse acreditar que a gente estivesse ali de verdade. É claro que a Nancy ressaltou que ele *nunca, nunquinha* fazia perguntas para a Laura Danker. Eu não tinha notado.

Enquanto a gente fazia fila para ir para casa, ele nos lembrou de que, na quinta-feira, nós teríamos uma prova sobre os dois primeiros capítulos do nosso livro de estudos sociais. O sr. Benedict nos pediu para, por favor, nos prepararmos. A maioria dos professores nunca pede por favor.

Depois da aula, fomos direto para a casa da Nancy. Antes de começarmos o encontro oficial, falamos do sr. Benedict e do trabalho que ele passou. Todas concordamos que era loucura e nenhuma de nós conseguiu ter uma ideia sequer do que fazer.

Então Nancy fez a chamada.

— Verônica?

— Presente — Gretchen disse.

— Kimberly?

— Presente — Janie disse.

— Mavis?

— Presente — falei.

— E eu também estou aqui... Alexandra. — Nancy fechou o livro de chamada. — Bom, vamos ao trabalho. Vamos tocar as costas umas das outras para ver se todas estão usando sutiãs.

Todas estávamos.

— Que tamanho você comprou, Janie? — Gretchen perguntou.

— Estou com um Gro-Bra — Janie disse.

— Eu também — falei.

— Eu também! — Gretchen riu.

— Eu não — Nancy disse com orgulho. — O meu é tamanho trinta e dois AA.

Ficamos todas muito impressionadas.

— Se vocês quiserem trocar esses sutiãs de bebê, vocês precisam fazer exercícios — ela nos disse.

— Que tipo de exercício? — Gretchen perguntou.

— Tipo esses — Nancy disse.

Ela fechou os punhos, dobrou os braços na altura do cotovelo e esticou para a frente e para trás, lançando o peito bem para a frente. Então, disse:

— Eu tenho... Eu tenho... Eu tenho que aumentar meu peito. — Ela repetia de novo e de novo. Nós copiamos os movimentos dela e entoamos juntas. — Nós temos... Nós temos... Nós temos que aumentar o peito!

— Ótimo — Nancy nos disse. — Façam isso trinta e cinco vezes por dia e prometo que vão ver o resultado.

— Agora, vamos conferir nossos Livros de Garotos — Gretchen disse. — Todas prontas?

Colocamos nossos Livros de Garotos no chão e Nancy os pegou, um por um. Ela leu cada um e passou adiante para o resto de nós vermos. O de Janie foi o primeiro. Ela tinha sete nomes na lista. O número um era Philip Leroy. Gretchen tinha quatro. O número um era Philip Leroy. Nancy listou dezoito garotos. Eu nem conhecia dezoito garotos! E o número um era Philip Leroy. Quando Nancy pegou o meu Livro de Garotos, ela se engasgou com um cubo de gelo do refrigerante. Quando desengasgou, ela começou a ler:

— Número um... Philip Leroy. — Todas deram risinhos. — Número dois... Jay Hassler. Por que você escolheu o Jay?

Eu estava ficando irritada. Quer dizer, ela não perguntou para as outras por que elas gostavam de um ou de outro, então por que eu precisava explicar? Levantei a sobrancelha direita para Nancy, então desviei o olhar. Ela entendeu a mensagem.

Quando terminamos, Nancy abriu a porta do quarto. Evan e Moose estavam lá, escutando na porta. Eles nos seguiram pelas escadas, até o lado de fora. Nancy gritou:

— Cai fora, estamos ocupadas.
Evan e Moose explodiram numa gargalhada. E gritaram:
— Nós temos... Nós temos... Nós temos que aumentar o peito! —
Então eles caíram na grama rolando de rir com tanta força que eu torci para que fizessem xixi nas calças sem querer.

Na terça-feira, durante uma revisão de álgebra, eu ouvi um passarinho fazer *piu*. Várias outras crianças ouviram também, assim como o sr. Benedict. Eu sei que sim porque ele levantou a cabeça. Voltei para a minha revisão, mas logo em seguida ouvi de novo. *Piu*.

Depois do segundo *piu*, o sr. Benedict foi até a janela e a abriu toda. Ele enfiou a cabeça para fora, olhando para os lados. Enquanto ele fazia isso, três outros *piums* soaram pela sala. O sr. Benedict caminhou até a sua mesa e ficou em pé com as mãos atrás das costas. *Piu*. Eu olhei para Nancy. Eu tinha certeza de que tinha vindo dela. Mas ela não olhou para mim nem disse nada. O sr. Benedict se sentou e batucou com os dedos na mesa. Logo em seguida nossa sala parecia um viveiro cheio de pássaros. A cada segundo, tinha outro *piu*. Era difícil não rir. Quando Nancy me chutou por baixo da mesa, eu sabia que era minha vez. Olhei para baixo e apaguei a resposta de um problema. Enquanto eu soprava a poeira da borracha, soltei: *piu*. O tempo de o sr. Benedict olhar na minha direção foi o de outro *piu* vir do outro lado da sala. Acho que foi Philip Leroy. Nós esperávamos que o sr. Benedict dissesse algo, mas ele não disse.

Quando chegamos na manhã seguinte, nossas carteiras tinham sido reorganizadas. Em vez de quatro fileiras, nossas cadeiras formavam um grande U no meio da sala. Havia uma etiqueta com nome em cada uma das mesas. Do meu lado estava Freddy Barnett, de quem eu não gostava nada. Eu sabia que ele era um encenqueiro porque vi que ele estava parado atrás do Jay Hassler no primeiro dia de aula e, na hora em que Jay ia se sentar, Freddy puxou a cadeira dele. Jay acabou no chão. Odeio quem faz isso! Eu teria que tomar muito cuidado para não cair numa armadilha do Lagosta. É assim que a gente chama o Freddy, porque no primeiro dia de aula ele estava muito vermelho, queimado de sol.

Porém, do outro lado a situação era ainda pior. Eu estava colada com a Laura Danker! Eu tinha medo até de olhar para ela. Nancy tinha me avisado que reputações eram contagiosas. Bom, eu não precisava me preocupar porque Laura também não olhava para mim. Ela olhava para a frente, reto. É claro que as quatro EPAs estavam todas separadas. Mas Nancy (que sortuda!) ficou sentada do lado do Philip Leroy!

Não teve mais nenhum *piu*. O sr. Benedict nos lembrou da prova de estudos sociais no dia seguinte. Naquela tarde, tivemos aula de educação física. Os garotos puderam jogar beisebol com o sr. Benedict. As garotas ficaram com a professora de educação física, a srta. Abbott, que nos enfileirou por tamanho. Eu era a terceira da frente. Janie era a primeira. Laura Danker era a última. Gretchen e Nancy estavam no meio. Depois de nos organizar, a srta. Abbott falou sobre postura e como era importante ficar com a coluna ereta.

— Não importa sua altura, vocês nunca devem se encurvar, porque a altura é uma grande bênção. — Depois disso, a srta. Abbott se levantou e fez algumas respirações profundas. Ela devia ter pelo menos um metro e oitenta de altura. Janie e eu trocamos olhares e demos uma risadinha. Nós não éramos abençoadas.

Então, a srta. Abbott nos disse que, já que estávamos no sexto ano e bem grandinhas, havia certos assuntos de que trataríamos naquele ano.

— Alguns assuntos muito íntimos, só para as garotas. — Foi só o que ela disse, mas eu entendi a ideia. Por que esperam até o sexto ano para explicar, quando você já sabe de tudo?

Naquela noite, eu me esforcei muito. Li quatro vezes seguidas os dois primeiros capítulos do livro de estudos sociais. Então eu me sentei no chão do quarto e fiz os meus exercícios:

— Eu tenho... Eu tenho... Eu tenho... que aumentar o peito. — Eu fiz o exercício trinta e cinco vezes e fui para a cama.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Acabei de fazer um exercício para me ajudar a crescer. Já pensou no assunto, Deus? Sobre eu crescer, quer dizer. Tenho um sutiã agora. Seria legal se eu tivesse

alguma coisa para colocar dentro dele. É claro, se você achar que não estou pronta, eu vou entender. Tenho uma prova na escola amanhã. Por favor, me ajude a tirar uma boa nota, Deus. Quero que tenha orgulho de mim. Obrigada.

Na manhã seguinte, o próprio sr. Benedict passou as folhas da prova. As perguntas já estavam no quadro. Ele disse para começarmos assim que recebêssemos as folhas. Freddy, o Lagosta, me cutucou e sussurrou:

— Sem nome.

— Como assim, sem nome? — sussurrei de volta.

Freddy sussurrou:

— Ninguém assina. Benedict não vai saber de quem é cada prova. Entendeu?

Eu tinha entendido, mas não tinha gostado. Principalmente porque eu tinha lido os capítulos quatro vezes. Mas, se ninguém ia colocar o nome na prova, eu também não ia. Apesar disso, me senti mal porque o sr. Benedict jamais saberia o quanto eu tinha estudado.

Respondi todas as perguntas em quinze minutos. O sr. Benedict pediu a Janie para juntar as provas para ele. Eu não conseguia imaginar o que ele faria com a turma quando descobrisse que ninguém tinha assinado o nome. Imaginei que fosse ficar bastante bravo, mas não tem muito o que se possa fazer com uma turma inteira, além de obrigar todo mundo a ficar até depois da hora. A gente não podia ser expulso, podia?

Na sexta-feira de manhã, quando entramos na sala, havia uma prova na mesa de cada um. Cada prova estava com a nota e o nome correto. Tirei 98. Eu me senti muito bem. Freddy Barnett não ficou nada feliz. Ele tirou 53! O sr. Benedict não comentou nada sobre nossos nomes não estarem nas provas. Ele só ficou parado ali, sorrindo.

— Bom dia, turma — ele disse sem limpar a garganta. Acho que ele sabia que tinha vencido aquela batalha.

Mais tarde naquele dia, o sr. Benedict nos lembrou de nossos trabalhos individuais de novo. Ele disse para não esperarmos até o último minuto achando que poderíamos inventar alguma coisa do nada. Depois falou que até o final da semana seguinte todo mundo deveria saber o seu tema e começar a fazer algumas anotações.

Eu pensei muito, mas não sabia nada de significativo que estivesse disposta a compartilhar com o sr. Benedict. Quer dizer, eu não poderia fazer um trabalho de um ano inteiro sobre sutiãs e o que fica dentro deles. Ou sobre os meus sentimentos por Moose. Ou sobre Deus. Ou eu poderia? Quer dizer, não sobre Deus exatamente... Eu nunca poderia contar isso ao sr. Benedict... Mas talvez sobre religião. Se eu conseguisse descobrir de que religião queria fazer parte, poderia decidir se ia entrar na ACM ou no Centro Comunitário Judaico. Isso era significativo, não era? Eu tinha que pensar a respeito.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. O que você acha de eu fazer um trabalho sobre religião? Você não se importaria, não é, Deus? Eu te contaria tudo. E não vou tomar nenhuma decisão sem falar com você

antes. Acho que está na hora de eu decidir o que quero ser. Não posso seguir sendo nada para sempre, posso?

No sábado seguinte de manhã, minha mãe me levou até o ponto de ônibus para Nova York. Era minha primeira vez indo sozinha, e minha mãe estava nervosa.

— Escute, Margaret... Não se sente ao lado de homem nenhum. Ou se sente sozinha ou escolha uma senhorinha simpática. E tente se sentar mais à frente. Se o ônibus não tiver ar-condicionado, abra a janela. E, quando chegar lá, peça para uma *mulher* te mostrar onde fica a escadaria para a rua. A vovó vai te encontrar no balcão de informações perto da entrada.

— Eu sei, eu sei.

Nós tínhamos falado disso mil vezes, mas quando o ônibus chegou, minha mãe saiu do carro e gritou para o motorista:

— Esta menina está viajando sozinha. Por favor, fique de olho nela. É a primeira viagem dela.

— Não se preocupe, senhora — o motorista disse para minha mãe.

Então ela acenou para mim. Fiz uma careta e olhei para o outro lado.

Encontrei a vovó bem onde ela deveria estar. Ela me deu um beijo estalado. A vovó estava com um perfume incrível. Ela usava um terninho verde e muita sombra da mesma cor para combinar. O cabelo dela era um loiro prateado. A cor do cabelo da vovó muda mais ou menos uma vez por mês.

Quando saímos do terminal de ônibus, ela disse:

— Você está linda, Margaret. Amei seu cabelo.

A vovó sempre tinha algo gentil para dizer para mim. E meu cabelo realmente andava melhor. Eu li que, se você escovar bem, ele pode crescer mais de dois centímetros por mês.

Nós fomos almoçar num restaurante perto do Lincoln Center. Enquanto eu comia minha sobremesa, um parfait de chocolate, sussurrei:

— Estou usando sutiã. Você notou?

— É claro que eu notei — vovó disse.

— Mesmo? — Eu fiquei muito surpresa. Parei de comer. — Bom, como você acha que eu fiquei?

— Muito mais madura — a vovó disse, entre golinhos de café. Eu não sabia se acreditava nela ou não, então decidi acreditar.

Depois fomos ao concerto. Eu não fiquei me agitando que nem eu fazia quando era criança. Fiquei sentada bem paradinha e prestei atenção à música. Durante o intervalo, vovó e eu demos uma volta pelo lado de fora. Amo aquela fonte no meio do Lincoln Center. Eu amo mais a fonte do que os concertos em si. E amo observar as pessoas passando. Uma vez, eu vi uma modelo ser fotografada ao lado da fonte. Fazia um frio congelante, e ela estava usando um vestidinho de verão. Foi quando decidi que não seria uma modelo, nem se eu ficasse bem bonita algum dia.

No táxi, no caminho de volta para o terminal de ônibus, pensei sobre a vovó ser judia. Ela era a pessoa perfeita para me ajudar a começar meu trabalho do colégio. Então eu perguntei a ela:

— Eu posso ir à sinagoga com você um dia?

A vovó me encarou, chocada. Eu não sabia que dava para arregalar os olhos tanto assim.

— O que você quer dizer? Está dizendo que quer ser judia? — Ela prendeu a respiração.

— Não. Estou dizendo que queria ir à sinagoga e ver como são as coisas.

— Minha Margaret! — Vovó me abraçou. Acho que o motorista de táxi pensou que éramos doidas. — Eu sabia que, no fundo, você era uma menina judia! Eu sempre soube! — Vovó pegou um lenço rendado e deu batidinhas sob os olhos.

— Eu não sou, vovó — insisti. — Você sabe que não sou nada.

— Você pode dizer isso, mas eu não vou acreditar. Nunca! — Ela assoou o nariz. Quando terminou de assoar, disse: — Já sei o que é isso. Você fez um monte de amigos judeus em Farbrook. Acertei?

— Não, vovó. Meus amigos não têm nada a ver com isso.

— Então o que houve? Não estou entendendo.

— Eu só quero ver como é. Então, posso ir? — Eu não ia contar a vovó sobre o sr. Benedict, de jeito nenhum.

Vovó descansou as costas no banco do carro e deu um enorme sorriso para mim.

— Estou emocionada! Assim que chegar em casa, já vou ligar para o rabino. Você vai comigo no Rosh Hashaná. — Então ela parou de sorrir e perguntou: — A sua mãe sabe disso?

Neguei com a cabeça.

— Seu pai?

Neguei de novo.

Vovó deu um tapa na testa.

— Tome o cuidado de falar para eles que isso não foi ideia minha! Eu me encrencaria muito com essa história!

— Não se preocupe, vovó.

— Isso é absurdo! — minha mãe disse quando contei a ela. — Você sabe o que seu pai e eu achamos de religião.

— Você disse que eu poderia escolher quando crescesse!

— Mas você não está pronta para escolher ainda, Margaret!

— Eu só quero experimentar — argumentei. — Vou experimentar a igreja também, então você não precisa surtar!

— Eu *não* estou surtando! Só acho que é uma besteira uma garotinha da sua idade se preocupar com religião.

— Então, posso ir? — perguntei.

— Eu é que não vou te impedir — minha mãe disse.

— Ótimo. Então eu vou.

Na manhã do Rosh Hashaná, quando eu ainda estava na cama, eu falei:

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Vou à sinagoga hoje... com a vovó. É um feriado. Acho que você sabe. Bem, meu pai acha que é um equívoco e minha mãe acha que a ideia é maluca, mas eu vou de qualquer forma. Com certeza, isso vai me ajudar a decidir o que vou

*ser. Nunca entrei numa sinagoga ou numa igreja. Vou procurar você,
Deus.*

Eu estava com um terninho novo e um chapéu de veludo pequeno. Minha mãe explicou que todo mundo usa roupas novas para os feriados judeus. Estava calor para outubro e meu pai disse que ele se lembrava de que sempre fazia calor nos feriados judeus, quando ele era criança. Tive que usar luvas brancas. Minhas mãos estavam suando por causa delas. Até eu chegar a Nova York, as luvas ficaram bastante sujas, então eu as tirei e enfiei no bolso. A vovó me encontrou no nosso lugar de sempre no terminal rodoviário e me levou de táxi até a sinagoga dela.

Nós chegamos lá às dez e meia. Vovó teve que mostrar um cartão para alguém na entrada e então a pessoa nos guiou até os assentos, que ficavam na quinta fileira, no meio. Vovó sussurrou para as pessoas sentadas ao redor dela que eu era a sua neta, Margaret. As pessoas me olharam e sorriram. Eu sorri de volta. Fiquei contente quando o rabino saiu para o púlpito e estendeu as mãos. Enquanto isso acontecia, um órgão tocava uma música suave. Achei linda. O rabino vestia uma túnica branca e comprida. Ele parecia um padre, mas não tinha aquela gola virada que os padres usam. Além disso, ele usava um chapeuzinho na cabeça que a vovó chamou de quipá.

O rabino nos deu as boas-vindas, e então começou a falar um monte de coisas que não entendi. Nós tínhamos que levantar e sentar muito, às vezes a gente lia junto, na nossa língua, partes de um livro de orações. Eu não entendia muito sobre o que estava lendo. Em outros momentos, o coral cantava com a música do órgão. Esses eram definitivamente os melhores momentos. Uma parte do rito foi em hebraico e eu fiquei surpresa que a vovó conseguia recitar junto com o rabino.

Eu olhava muito em volta, para espiar o que estava acontecendo. Mas já que eu estava na quinta fileira, não tinha muita coisa para ver, exceto as quatro fileiras na minha frente. Eu sabia que não seria educado virar a cabeça e olhar para trás. No palco, tinha duas tigelas grandes prateadas cheias de flores brancas. Eram muito bonitas.

Às onze e meia, o rabino fez um discurso. Um sermão, como a vovó chamou. No início, fiz um esforço enorme para entender do que ele estava falando. Só que depois de um tempo eu desisti e comecei a contar os chapéus por cor. contei oito chapéus marrons, seis pretos, três vermelhos, um amarelo e um com estampa de onça, antes de o rabino terminar. Então, todos nos levantamos de novo e cantamos uma música em hebraico, que eu não conhecia. E foi só isso! Eu esperava que tivesse mais coisa. Não sei o que, exatamente. Um sentimento, talvez. Mas imagino que a gente tenha que ir mais de uma vez para entender bem tudo aquilo.

Enquanto saíamos em fila, vovó me puxou para o lado, longe da multidão.

— O que você acha de conhecer o rabino, Margaret?

— Eu não sei — respondi. Eu realmente queria sair.

— Bom, você vai conhecer! — Vovó sorriu para mim. — Falei muito de você para ele.

Nós fizemos fila esperando para apertar a mão do rabino. Depois de muito tempo, foi a nossa vez. Eu fiquei frente a frente com o rabino Kellerman. Ele era meio jovem e se parecia um pouco com Miles J. Benedict Jr. Mas não era magro.

Vovó sussurrou para mim:

— Aperte a mão dele, Margaret.

Estendi a mão.

— Esta é minha neta, rabino. De quem falei para o senhor... Margaret Simon.

O rabino apertou minha mão.

— Sim, é claro, Margaret! Bom Yom Tov.

— Isso — falei.

Ele riu.

— Quer dizer feliz ano-novo. É o que estamos celebrando hoje.

— Ah — falei. — Bom, feliz ano-novo para o senhor, rabino.

— Você gostou da cerimônia? — ele perguntou.

— Ah, gostei — falei. — Adorei.

— Bom... bom. — Ele chacoalhou minha mão para cima e para baixo um pouco mais. — Volte quando quiser. Venha nos conhecer, Margaret. Venha nos conhecer e a Deus também.

Eu tive que passar por um interrogatório quando cheguei em casa.

— Bem — minha mãe disse —, como foi?

— Foi legal, acho.

— Você gostou? — ela perguntou.

— Foi interessante — falei.

— Aprendeu alguma coisa? — meu pai quis saber.

— Bem, nas cinco primeiras fileiras tinha oito chapéus marrons e seis pretos — falei.

Meu pai riu e disse:

— Quando eu era criança, costumava contar as penas nos chapéus.

Então, nós rimos juntos.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Eu comecei de verdade. Até o final do ano letivo vou saber tudincho sobre religião. E, até entrar no Ensino Médio, no máximo, vou saber de qual sou. Aí vou poder frequentar a ACM ou o Centro Judaico, que nem todo mundo.

Três coisas aconteceram na primeira semana de novembro. Laura Danker foi para a aula de suéter pela primeira vez. Os olhos do sr. Benedict quase saltaram da cabeça. Na verdade, eu não notei os olhos do sr. Benedict, mas Nancy me contou. Freddy, o Lagosta, notou Laura também. Ele me perguntou:

— Por que você não fica assim usando um suéter, Margaret?

Ele caiu na gargalhada e deu um tapa na própria perna. *Muito engraçado*, pensei. Eu usava suéteres todos os dias, já que eu tinha muitos. Todos *feitos sob medida* para mim pela vovó. Mesmo se eu enchesse meu sutiã com meias, ainda não me pareceria com a Laura Danker. Eu me perguntava se era verdade que ela ficava com o Evan e o Moose atrás do supermercado. Por que ela faria uma coisa idiota dessas?

O que eu sabia sobre Moose era que ele cortava nossa grama e varria as folhas no nosso jardim, e disse que voltaria na primavera. Então a não ser que eu esbarrasse nele na casa da Nancy, eu não encontraria o Moose durante o inverno inteiro. Não que ele soubesse que eu existo... tive que me esconder dele desde o incidente do *nós temos... nós temos...* Mas eu olhava para ele escondida pela janela do meu quarto.

A segunda coisa que aconteceu foi que eu fui à igreja com Janie Loomis. Janie e eu ficamos bastante próximas. Isso aconteceu na aula de educação física, porque Ruth, a garota que era a segunda na fila, faltava muito. Então, Janie e eu começamos a conversar mais, e uma vez eu cheguei e perguntei se ela ia à igreja.

— Quando sou obrigada — ela respondeu.

Aí eu perguntei se podia ir com ela um dia, só para ver como era, e ela disse:

— Claro, que tal domingo?

Então eu fui. O mais engraçado para mim foi que achei igual ao templo judaico, só que tudo era em inglês. Nós líamos de um livrinho de orações que não fazia sentido, o pastor fez um sermão que não consegui acompanhar, e eu contei oito chapéus pretos, quatro vermelhos, seis azuis e dois de pelúcia. No final do culto, todo mundo cantou. Então, nós ficamos em pé numa fila para apertar a mão do pastor. A essa altura, eu já era profissional nisso.

Janie me apresentou.

— Esta é minha amiga, Margaret Simon. Ela não tem religião.

Quase desmaiei. Por que Janie tinha que falar aquilo? O pastor olhou para mim como se eu fosse uma aberração. Depois ele deu um sorriso com um olhar meio ahá-talvez-eu-convença-essa-daí.

— Bem-vinda à Primeira Igreja Presbiteriana, Margaret. Espero que volte mais vezes.

— Obrigada — falei.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Eu fui à igreja. Não senti nada de especial lá, Deus. E eu queria bastante ter sentido. Tenho certeza de que não foi culpa sua, de jeito nenhum. Na próxima vez, vou me esforçar mais.

Nesse meio-tempo, eu conversava com Nancy toda noite. Meu pai queria saber por que a gente tanto se falava no telefone se passava o dia inteiro juntas na escola.

— O que vocês tanto têm para contar uma para a outra depois de só três horas? — ele perguntou.

Eu nem tentei explicar. Muitas vezes, a gente fazia o dever de matemática pelo telefone. Quando terminava, Nancy ligava para Gretchen para conferir as respostas e eu ligava para Janie.

A terceira coisa que aconteceu naquela semana foi que o diretor da escola anunciou nos alto-falantes que a Associação de Pais e Mestres daria um baile de Dia de Ação de Graças para as três turmas do sexto ano. O sr. Benedict perguntou se sabíamos dançar quadrilha. A maioria não sabia.

Nancy contou para as quatro EPAs que a quadrilha country ia ser muito legal e ela sabia tudo a respeito porque a mãe dela estava no comitê dos pais. Nancy também falou que todo mundo deveria escrever com quem queria dançar e ela ia ver o que poderia fazer. Mas acabou que todas nós queríamos dançar com Philip Leroy, então ela disse:

— Podem esquecer... Não faço mágica.

Nas duas semanas seguintes, nossa aula de educação física foi dedicada aos ensaios de quadrilha. O sr. Benedict disse que, já que iam dar essa festa para nós, o mínimo que poderíamos fazer para mostrar nossa gratidão era aprender os passos básicos. Nós praticamos com gravações e o sr. Benedict saltou muito ao redor de nós, batendo palmas. Quando ele precisava demonstrar um passo, pegava Laura Danker como parceira. Ele disse que era porque ela era alta o suficiente para alcançar o ombro dele, mas Nancy me lançou um olhar de quem sabia a verdade. De qualquer forma, nenhum dos garotos na nossa turma queria ser o parceiro da Laura porque todos eram muito mais baixos que ela. Nem mesmo Philip Leroy chegava no queixo dela, e ele era o mais alto da turma.

O problema das aulas de quadrilha era que a maioria dos garotos estava muito mais interessada em pisar no nosso pé do que em aprender a dançar. E alguns deles eram tão talentosos que conseguiam pisar no nosso pé ao ritmo da música. Na maior parte do tempo, me concentrei em evitar que meus pés fossem esmagados.

Na manhã da dança, eu vesti minha saia e blusa novas.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Mal posso esperar até as duas da tarde, Deus. É quando começa a nossa dança. Você acha que vou conseguir dançar com o Philip Leroy? Não é nem que eu goste dele como pessoa, Deus, mas como garoto ele é bem bonito. E eu adoraria dançar com ele... só uma ou duas vezes. Obrigada, Deus.

A Associação de Pais e Mestres decorou o ginásio. Era para parecer um celeiro, acho. Tinha duas pilhas de feno, três espantalhos e uma placa enorme na parede em letras amarelas, dizendo: BEM-VINDOS À QUADRILHA DO SEXTO ANO... Como se a gente não soubesse.

Fiquei contente que minha mãe não estava na organização. Já é ruim o suficiente tentar agir com naturalidade num baile, mas quando sua mãe está perto aí é que fica impossível. Eu sei disso por que a sra. Wheeler estava na organização e Nancy estava um caco. Os pais que faziam parte da equipe estavam vestidos de um jeito engraçado, como se fossem fazendeiros ou alguma coisa assim. Quer dizer, a mãe da Nancy estava usando um macacão, uma camisa de flanela e um chapéu de palha enorme. Eu não culpava a Nancy por fingir que não conhecia a mãe.

Eles contrataram um chamador de quadrilha. O sujeito tinha uma roupa bem parecida com a da sra. Wheeler. Ele subiu no palco e nos disse que passos fazer. Ele também mexia no som e pisava forte e saltava para os lados, e, de vez em quando, eu o via secar o rosto com um lenço vermelho. O sr. Benedict falava o tempo todo para entrarmos no espírito da festa.

— Relaxem e divirtam-se — ele dizia.

As três turmas do sexto ano deveriam se misturar, mas as quatro EPAs ficaram grudadas. A gente tinha que entrar na fila toda vez que tinha uma dança nova. As garotas faziam fila de um lado e os garotos do outro. Era assim que se arrumava o parceiro para a dança. O único problema era que tinha quatro garotas a mais do que garotos, então quem terminasse no fim da fila tinha que dançar com outra garota que sobrava. Isso só aconteceu comigo e Janie uma vez, ainda bem!

O que nós fazíamos era tentar descobrir antes quem seria o nosso parceiro. Por exemplo, eu sabia que, quando fosse a quarta na fila, Norman Fishbein seria o meu parceiro, porque ele estava em quarto na fila dos garotos. Então eu trocava de lugar rápido, porque Norman Fishbein é o garoto mais chato da minha turma. Quer dizer, pelo menos um dos mais chatos. Eu também evitava Freddy Barnett, já que ele só me provocava sobre como eu não ficava igual a Laura Danker de suéter. Mas

eu notei que, quando ele dançou com ela, o rosto dele ficou tão vermelho que ele parecia ainda mais uma lagosta do que quando estava queimado de sol.

As garotas mudavam bem mais de lugar do que os garotos porque a maioria de nós queria ficar com o Philip Leroy de parceiro. E, enfim, eu consegui. Vou contar como foi. Depois de todo mundo estar com um parceiro, a gente tinha que formar uma quadra. Meu parceiro era Jay Hassler, que era muito educado e tentou não pisar no meu pé nenhuma vez. Então o chamador da quadrilha nos falou para trocar de parceiro para qualquer pessoa que estivesse à direita. Bem, Philip Leroy estava com Nancy no meu lado direito, e ela ficou tão irritada que quase começou a chorar na frente de todo mundo. Mesmo eu estando emocionada de estar com o Philip Leroy só para mim por uma música inteira, ele *era* um dos que pisava nos pés! E dançar com ele fazia minhas mãos suarem tanto que eu precisei ficar secando na minha saia nova.

Às quatro da tarde, os organizadores serviram suco e biscoitos, e às quinze para as cinco, a dança tinha terminado e minha mãe me buscou no nosso carro novo. (Meu pai cedeu mais ou menos na época do Halloween, quando minha mãe explicou que não conseguia nem comprar leite porque não tinha carro. E que a *Margaret* não poderia de jeito nenhum ir e voltar andando da escola quando o tempo estivesse ruim, e que a época do tempo ruim estava prestes a começar. Minha mãe não gostou da sugestão do meu pai de que, se ela acordasse cedo e o levasse para a estação, poderia usar o carro dele o dia inteiro.) Nosso carro novo é da Chevrolet. É verde.

Minha mãe estava com pressa de voltar para casa da quadrilha porque estava no meio de uma pintura nova. Era um quadro com um monte de frutas diferentes, em homenagem ao Dia de Ação de Graças. Todo Natal, minha mãe dá um monte de quadros de presente. Meu pai acha que eles sempre acabam nos sótãos das pessoas.

Na primeira semana de dezembro, nós paramos de usar nossos nomes secretos nas reuniões da EPA. Nancy disse que era confuso demais. Além disso, nós meio que desistimos dos Livros de Garotos também. Para começo de conversa, os nomes nunca mudavam. Nancy conseguia mudar a ordem dos dela. Era fácil para ela... com dezoito garotos. Mas Janie, Gretchen e eu sempre listávamos Philip Leroy em primeiro. Não tinha suspense nenhum. E eu me perguntava se elas colocavam o Philip Leroy porque gostavam mesmo dele ou se estavam fazendo o mesmo que eu... pondo ele em primeiro lugar porque ele era muito bonito. Talvez elas tivessem vergonha de escrever o nome de quem gostavam também.

No dia em que Gretchen finalmente juntou coragem para pegar escondida o livro de anatomia do pai dela, nós nos encontramos na minha casa, no meu quarto, com a porta fechada e uma cadeira travando a maçaneta. Nós nos sentamos em círculo com o livro aberto no corpo masculino.

— Vocês acham que Philip Leroy também é assim sem roupa? — Janie perguntou.

— Óbvio, sua besta! — Nancy disse. — Ele é homem, não é?

— Olha só todas as veias e tudo mais — Janie falou.

— Bom, *todos* nós temos isso — Gretchen comentou.

— Achei feio — Janie disse.

— É melhor você nunca ser médica ou enfermeira — Gretchen falou para ela. — Eles olham para essas coisas o tempo todo.

— Vira a página, Gretchen — Nancy mandou.

A página seguinte era o sistema reprodutivo masculino.

Nenhuma de nós disse nada. Só ficamos olhando até Nancy falar:

— Meu irmão é assim.

— Como você sabe? — perguntei.

— Ele anda pelado pela casa — ela respondeu.

— Meu pai costumava andar pelado pela casa — Gretchen disse. — Mas parou recentemente.

— Minha tia foi para uma colônia nudista no verão passado — Janie comentou.

— Tá de brincadeira! — Nancy olhou para ela.

— Ela ficou lá um mês inteiro — Janie continuou. — Minha mãe não falou com ela por quase três semanas depois disso. Ela achou que era desonroso. Minha tia é divorciada.

— Por causa da colônia nudista? — perguntei.

— Não — Janie disse. — Ela era divorciada antes de ir.

— O que você acha que as pessoas fazem nesses lugares? — Gretchen perguntou.

— Elas andam por aí peladas, só isso. Minha tia diz que é muito pacífico. Mas eu nunca vou andar pelada na frente de ninguém!

— E quando você se casar? — Gretchen perguntou.

— Nem quando eu me casar — Janie insistiu.

— Você é uma puritana! — Nancy disse.

— Não sou, não! Não tem nada a ver com ser puritana.

— Quando você ganhar corpo, vai mudar de ideia — Nancy disse para ela. — Você vai querer que todo mundo te veja. Que nem as garotas na *Playboy*.

— Que garotas na *Playboy*? — Janie perguntou.

— Você *nunca* viu uma revista da *Playboy*?

— Onde eu veria? — Janie perguntou.

— Meu pai assina — falei.

— Você tem em casa? — Nancy perguntou.

— Claro.

— Ora, vai buscar! — Nancy mandou.

— Agora? — perguntei.

— Claro.

— Hum, não sei — falei.

— Escuta aqui, Margaret... Gretchen teve todo o trabalho de pegar o livro médico do pai dela. O mínimo que você pode fazer é mostrar uma *Playboy* pra gente.

Então abri a porta do quarto e desci as escadas, tentando me lembrar onde eu tinha visto a última. Não queria perguntar para minha mãe. Não que fosse tão errado assim mostrar a revista para as minhas amigas. Quer dizer, se fosse tão errado, meu pai não deveria ter aquilo em casa, não é? Apesar de que, ultimamente, acho que ele tem escondido as revistas, porque nunca mais vi uma no revisteiro, onde costumavam ficar. Enfim, eu encontrei na gaveta da mesinha de cabeceira dele, e pensei que, se minha mãe me pegasse e perguntasse o que estava fazendo, eu diria que estávamos fazendo um trabalho e precisávamos de algumas revistas velhas para recortar. Mas ela não me viu.

Nancy abriu a revista bem na garota pelada do meio. Na página anterior tinha uma reportagem sobre ela. Dizia que Hillary Brite tinha dezoito anos.

— Dezoito! Ela é só seis anos mais velha que a gente — Nancy guinchou.

— Mas olha o tamanho dos dela. São imensos! — Janie disse.

— Vocês acham que vamos ficar assim com dezoito anos? — Gretchen perguntou.

— Se querem saber, acho que tem alguma coisa errada com ela — falei. — Ela parece meio desproporcional.

— Vocês acham que a Laura Danker é assim? — perguntou Janie.

— Não. Ainda não — Nancy disse. — Mas aos dezoito anos, pode ser!

Nossa reunião terminou com cinquenta repetições de: *Nós temos... nós temos... nós temos que aumentar o peito!*

No dia 11 de dezembro, vovó viajou num cruzeiro de três semanas para o Caribe. Ela ia todo ano e fazia uma festinha de despedida no quarto dela no navio. Neste ano, me deixaram ir junto. Minha mãe deu uma caixa verde de seda para a vovó guardar suas joias. Era muito bonita... a parte interna era de veludo branco. A vovó agradeceu e disse que todas as suas joias iam ficar para a “sua Margaret” no fim das contas, então ela precisava cuidar muito bem delas. A vovó sempre me lembra que ninguém vive para sempre e que tudo que ela tem vai ficar para mim, e eu odeio quando ela fala desse jeito. Uma vez ela me disse que passou para o advogado as instruções do funeral dela, para as coisas serem do jeito que ela queria. Por exemplo, o tipo de caixão no qual ela quer ser enterrada, que ela não quer nenhum discurso, e disse que eu deveria visitar seu túmulo apenas uma ou duas vezes ao ano para ver se está bonito e limpo.

Nós ficamos no navio por meia hora e então vovó me deu um beijo de despedida e prometeu me levar junto nessa viagem qualquer dia desses.

Na semana seguinte, minha mãe começou a escrever os cartões de Natal e por dias e dias ela ficou desesperadamente ocupada com eles. Ela não os chama de cartões de Natal. “Saudações de boas festas”, é como ela chama. Nós não comemoramos o Natal, exatamente. Trocamos presentes, mas meus pais dizem que esse é um costume americano tradicional. Meu pai diz que minha mãe e seus cartões de festas estão ligados à sua infância. Ela envia cartões para pessoas com quem cresceu e elas mandam cartões em resposta. Então, uma vez por ano ela descobre quem se casou com quem, quem teve filhos e coisas assim. Minha mãe também

manda um para o irmão dela, que eu nunca conheci. Ele mora na Califórnia.

Neste ano, eu descobri uma coisa muito estranha. Descobri que minha mãe manda um cartão de Natal para os pais dela em Ohio. Descobri isso porque estava espiando a pilha de cartões num dia em que fiquei gripada e não fui pra escola. Lá estava ele... simples assim. O envelope dizia sr. e sra. Paul Hutchins, e esse é o nome deles. Meus avós! Eu não falei nada com a minha mãe. Tive a sensação de que eu não deveria saber disso.

Na escola, sr. Benedict estava correndo de um lado pro outro tentando descobrir o que tinha acontecido com as novas becas do coral. A escola toda estava montando uma apresentação de Natal-Hanucá para os pais e a nossa turma do sexto ano faria o coral. Nós nem precisamos passar por uma seleção.

— A turma do sr. Benedict será o coral — o diretor anunciou.

Nós ensaiamos todos os dias com o professor de música. Eu achava que, quando o Natal enfim chegasse, minha voz já teria ido para o beleléu. Nós aprendemos cinco músicas de Natal e três de Hanucá... partes de *alto* e *soprano*. A maioria dos garotos cantava *alto* e as garotas, *soprano*. Tiraram nossas medidas para nossas becas novas para o coral logo depois do Dia de Ação de Graças. A Associação de Pais e Mestres decidiu que as antigas estavam muito gastas. As novas seriam verdes, em vez de pretas. Cada um de nós ia ficar segurando uma lanterninha que mais parecia uma caneta no lugar de velas.

Nós praticamos descer pelo corredor do auditório cantando “Adeste Fidelis” em inglês e latim. Nós descíamos em duas fileiras, meninos e meninas. E, naturalmente, a ordem era por tamanho. Eu ficava logo atrás da Janie, porque Ruth tinha se mudado. Meu parceiro, no final das contas, foi Norman Fishbein. Eu nunca olhava para ele. Só andava olhando para a frente, cantando muito alto.

Uma semana antes da apresentação, Alan Gordon falou para o sr. Benedict que não ia cantar as músicas de Natal porque era contra a

religião dele. Então Lisa Murphy levantou a mão e disse que não ia cantar as músicas de Hanucá porque era contra a religião *dela*.

O sr. Benedict explicou que as músicas eram para todos e não tinham nada a ver com religião, mas no dia seguinte Alan trouxe um bilhete de casa e, desde então, ele ensaiava junto com a gente, mas não cantava. Lisa cantava enquanto andávamos, mas nem sequer movia os lábios durante as músicas de Hanucá.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Queria que você soubesse que estou pensando muito em Natal e Hanucá este ano. Estou tentando decidir se um deles poderia ser especial para mim. Ando pensando muito, Deus, mas até agora não cheguei a nenhuma resposta.

Nossas novas becas de coral verdes foram entregues à escola um dia antes da apresentação e nós as levamos para casa para passar. A melhor coisa da apresentação, além de usar a beca e carregar a lanterna, era que eu podia sentar na primeira fila do coral, olhando para a plateia, e as crianças do jardim de infância ficavam bem na minha frente. Algumas tentavam tocar nossos pés com os pés delas. Uma criancinha fez xixi durante a cena em que José e Maria chegam à estalagem. Uma poça se formou no chão, bem na frente da Janie. Ela teve que continuar cantando e fingir que não viu. Foi bem difícil não rir.

A escola fechou para o recesso logo depois da apresentação. Quando cheguei em casa, minha mãe falou que eu tinha recebido uma carta.

— Margaret... chegou uma carta para você — minha mãe gritou do estúdio. — Está no aparador da entrada.

Eu quase não recebia cartas. Provavelmente porque nunca escrevia nem respondia ninguém. Então disparei até o aparador da entrada e peguei a carta. *Senhorita Margaret Simon*, dizia. Virei o envelope, mas não tinha endereço do remetente. Eu me perguntei quem tinha mandado. Ficar imaginando era muito mais divertido do que rasgar o envelope e descobrir de uma vez. Provavelmente era só propaganda. Por fim, quando não consegui aguentar mais, abri a carta... muito devagar e com *muito* cuidado para não rasgar o envelope. Era um convite! Eu soube logo por causa da foto... um monte de crianças dançando ao redor de um toca-discos. E também porque dizia *festa* na frente.

Mas quem vai fazer uma festa?, me perguntei. Quem vai fazer uma festa e me convidou? Naturalmente, eu poderia ter descoberto na hora. Era só abrir o cartão. Mas isso era melhor. Pensei nas possibilidades. Não poderia ser das EPAs, porque eu sabia. Poderia ser alguém que eu conhecia de Nova York ou do acampamento, mas eu não tinha escrito a nenhum dos meus amigos antigos para passar meu endereço novo. De qualquer forma, o selo no envelope era de Nova Jersey. Vamos ver, pensei. Quem poderia ser? Quem? Finalmente, eu abri o cartão:

*Venha no sábado, 20 de dezembro
das 17 às 21h (jantar)
Rua Whittingham Terrace, 1334
Norman Fishbein*

— Norman Fishbein! — eu gritei. Aquele chato! Eu nunca nem tinha falado com ele. Por que ele me convidaria para uma festa? Ainda assim, festa é festa. E com um jantar, também!

— Ei, mãe — gritei, correndo para o estúdio. Minha mãe estava em pé, um pouco longe da tela, analisando o próprio trabalho. Ela estava com o pincel na boca, entre os dentes. — Adivinha só?

— O quê? — ela perguntou, sem tirar o pincel da boca.

— Fui convidada para uma festa com jantar. Aqui... olha... — Mostrei para ela meu convite.

Ela leu.

— Quem é Norman Fishbein? — Ela tirou o pincel da boca.

— Um garoto da minha escola.

— Você gosta dele?

— Ele é ok. Posso ir?

— Bem... Acho que sim. — Minha mãe pincelou um pouco de tinta vermelha na tela. Então o telefone tocou.

— Eu atendo.

Corri para a cozinha e atendi com um alô esbaforido.

— É a Nancy. Você foi convidada?

— Fui — falei. — Você também?

— Aham. Janie e Gretchen também.

— Você pode ir?

— Claro.

— Eu também.

— Nunca fui a uma festa com um jantar — Nancy disse.

— Nem eu. A gente tem que ir muito arrumada? — perguntei.

— Minha mãe vai ligar para a sra. Fishbein. Depois te aviso.

Ela desligou.

Dez minutos depois, o telefone tocou de novo. Atendi.

— Margaret, sou eu de novo.

— Eu sei.

— Você não vai acreditar! — Nancy disse.

— O quê? Não vou acreditar no quê?

— Todo mundo foi convidado.
— Como assim *todo mundo*?
— A turma inteira.
— Todos os vinte e oito alunos?
— Foi o que a sra. Fishbein falou para a minha mãe.
— Até a Laura?
— Acho que sim.
— Você acha que ela vai? — perguntei, tentando imaginar Laura numa festa.

— Bem, a mãe dela e a sra. Fishbein trabalham juntas em vários comitês. Então talvez a mãe obrigue a Laura a ir.

— E o Philip Leroy?
— Está convidado. É só o que eu sei. E a sra. Fishbein disse que definitivamente é para ir arrumado.

Quando desliguei, corri de volta para o estúdio.

— Mãe... nossa turma toda foi convidada!

— Sua turma *toda*? — Minha mãe baixou o pincel e olhou para mim.

— Sim. Todos os vinte e oito alunos.

— A sra. Fishbein deve estar louca! — minha mãe disse.

— Posso usar o meu vestido de veludo, o que você acha?

— É o seu melhor vestido. Pode, sim.

No dia da festa, falei com Nancy seis vezes, com Janie três e com Gretchen duas. Nancy me ligava toda vez que mudava de ideia sobre a roupa que ia usar. E toda vez ela me perguntava se eu ainda ia com o vestido de veludo, e eu dizia que sim. No resto do tempo, nós fizemos planos. Decidimos que Nancy dormiria na minha casa e que Gretchen dormiria na de Janie. O sr. Wheeler levaria todas nós para a festa e o sr. Loomis buscaria.

Minha mãe lavou o meu cabelo às duas da tarde. Ela passou um creme também, para não ficar embaraçado, e colocou uns bobes grandes na minha cabeça toda. Fiquei sentada embaixo do secador de cabelo dela. Então, ela *lixou* minhas unhas, em vez de só cortar, como de costume.

Meu vestido de veludo já estava estendido na cama com a minha calcinha, o sutiã novo, uma meia-calça e os sapatos de festa. Minha calcinha e meu sutiã novos não eram do tipo normal, de algodão. Eram de nylon, decorados com renda. Ganhei de presente em dezembro. Passei a tarde toda pensando que talvez Norman Fishbein não fosse tão chato assim.

Depois do banho, eu deveria descansar no meu quarto para estar bem na hora da festa. Fui para o quarto e fechei a porta... só que eu não estava com vontade de descansar. O que fiz foi pegar a cadeira da escrivaninha e levar para a frente do espelho da cômoda. Então fiquei em pé na cadeira e abri meu robe. Fiquei parada nua na frente do espelho. Eu estava começando a ter alguns pelos. Virei de lado e me analisei de perfil. Eu desci da cadeira e cheguei mais perto do espelho. Subi de volta e olhei de novo. Minha cabeça estava engraçada, com todos aqueles bobes. O resto estava igual.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Eu odeio ter que ficar lembrando você disso... Quer dizer, sei que está ocupado. Mas já é dezembro e eu ainda não cresci. Pelo menos não notei nenhuma grande diferença. Já não está na hora, Deus? Você não acha que esperei pacientemente? Por favor, me ajude.

Desci da cadeira e me sentei na beirada da cama, colocando minha calcinha e sutiã limpos e a meia-calça. Então, parei na frente do espelho de novo. Eu não me olhei por muito tempo dessa vez.

Eu fui para o banheiro e abri a gaveta de baixo. Tinha uma caixa inteira de bolas de algodão. *Estéreis até abrir*, dizia o pacote. Enfiei a mão e peguei algumas. Meu coração batia forte, o que era idiota, porque do que eu tinha tanto medo? Quer dizer, se minha mãe me visse pegar umas bolotas de algodão, ela não diria nada. Eu uso algodão o tempo todo... para passar remédio em picadas de mosquito... para limpar cortes e feridas... para aplicar creme no rosto de noite. Mas meu coração

continuou batendo forte de qualquer forma, porque eu sabia o que eu ia fazer com as bolotas de algodão.

Voltei para o quarto na ponta dos pés e fechei a porta. Entrei no meu closet e fiquei parada num canto. Enfiei três bolotas de algodão em cada lado do sutiã. Bem, e daí que era falso? As outras garotas provavelmente faziam a mesma coisa. Eu ficaria muito melhor, não ficaria? Então, por que não?

Eu saí do closet e subi na cadeira de novo. Dessa vez, quando me virei de lado, parecia que meu peito tinha crescido. Eu gostei!

Ei, Deus, você ainda está aí? Olha só como meu sutiã ficou bonito agora! É só disso que preciso... só uma ajudinha. Eu realmente me comportaria, Deus. Eu tiro a mesa toda noite por um mês, pelo menos! Por favor, Deus...

Mais tarde, minha mãe escovou meu cabelo. Ficou do jeito certo, exceto por uma mecha na esquerda que estava virada ao contrário. Minha mãe disse que aquela mecha deixava o visual muito mais natural.

Meus pais sorriram muito para mim enquanto eu esperava o pai de Nancy me buscar. Eu sorria de volta. Era como se todos soubéssemos um segredo especial. Só que eu tinha certeza de que eles não sabiam do *meu* segredo especial! Pelo menos, eles não disseram nada idiota tipo “Ela não está uma gracinha...? Indo para um jantar pela primeira vez!” Eu teria morrido!

O sr. Wheeler buzinou lá fora às quinze para as cinco. Minha mãe me deu um beijo de despedida e meu pai acenou da cadeira.

— Divirta-se — ele gritou.

As quatro EPAs se apertaram no banco de trás do carro dos Wheeler (não a perua). O pai de Nancy nos disse que era uma bobagem se sentar daquele jeito, e também fazia ele se sentir como um motorista particular. Mas nós só respondemos com risadinhas. Janie tinha cortado o cabelo sem nos avisar. Comentou que ela mesma não sabia até aquela tarde, quando a mãe dela a levou até o salão e teve uma conversinha particular com o sr. Anthony. Então, o sr. Anthony começou a picotar e quando ela se deu conta... ela estava com esse corte de cabelo. Parecia um elfo. Funcionava bem no rosto dela. E, por um minuto, pensei em como eu ficaria com o mesmo corte. Mas então eu me lembrei de quanto tempo tinha sofrido para deixar o cabelo crescer e decidi que seria idiota cortar tanto.

Quando chegamos à festa, a mãe do Norman abriu a porta para a gente. Ela era muito alta e magra, com o rosto parecido com o do Norman. Eu me lembrei dela da organização da quadrilha. Só que agora ela não estava vestida de fazendeira. Usava calças pretas de veludo e uma blusa que parecia cheia de diamantes e rubis.

— Boa noite, sra. Fishbein — Nancy disse, numa voz que eu nunca tinha escutado. — Por favor, eu lhe apresento minha amiga, Margaret Simon.

A sra. Fishbein sorriu para mim e disse:

— Muito prazer, Margaret.

Então ela pegou nossos casacos e os entregou para uma empregada, que os levou escada acima.

— Ora, vocês estão lindas! — A sra. Fishbein disse. — Todo mundo está lá embaixo. Nancy, você sabe o caminho.

Eu segui Nancy passando pela sala de estar. A mobília era toda muito moderna. As cadeiras pareciam caixas entalhadas e as mesas eram todas de vidro. Tudo tinha tons de bege. Na casa de Nancy, tudo tinha uma pata de leão, em vez de pés, e um milhão de cores. Na minha casa, a sala de estar tem carpete, mas está vazia. Minha mãe está tentando decidir que tipo de móveis quer.

A casa de Norman era bastante grande, porque precisei seguir Nancy por pelo menos mais quatro cômodos até chegar a uma porta que levava ao andar de baixo.

A maior parte da turma parecia já estar lá. Inclusive Laura Danker, que estava linda num vestido rosa-claro, com o cabelo todo solto, meio que caído por cima do rosto.

Todos os garotos usavam blazers e alguns estavam de gravata também. Philip Leroy estava com uma gravata na primeira vez em que eu o vi, mas, uns minutos depois, a gravata tinha sumido e o primeiro botão da camisa estava aberto. Aí nenhum dos garotos ficou com o blazer. Todos os blazers acabaram numa pilha enorme num canto.

Na maior parte do tempo, as garotas ficaram de um lado da sala, e os garotos, do outro. Quando todo mundo já tinha chegado, a sra. Fishbein

trouxe a comida. Vários tipos de sanduíche e uma travessa grande de salsichas cortadas com feijão. Eu me servi de um pouco disso e de salada de batata e me sentei numa mesa com Janie, Nancy e Gretchen. Tinha seis mesinhas, então quase todo mundo tinha um lugar para se sentar. Assim que todos se serviram, a sra. Fishbein e a empregada voltaram para o andar de cima.

Não tenho certeza de quem começou a soprar mostarda com um canudo para o teto. Só sei que vi Philip Leroy gritar:

— Olha aqui, Freddy! — Quando estava mirando o canudo. Eu vi a mostarda voar e formar uma mancha amarela no teto branco.

A sra. Fishbein não desceu de volta até a hora da sobremesa. No começo, ela não viu o teto. Mas ela percebeu a bagunça na mesa com as comidas. Quando olhou para cima, ela prendeu a respiração e todo mundo ficou em silêncio.

— O que é isso no meu teto? — ela perguntou ao Norman.

— Mostarda — ele respondeu.

— Entendi — a sra. Fishbein falou.

Foi só isso que ela disse, mas olhou para cada um de nós com uma cara de eu-não-sei-por-que-seus-pais-nunca-ensinaram-bons-modos-para-vocês. Então, a sra. Fishbein parou perto da nossa mesa e disse:

— Tenho certeza de que essas meninas não são responsáveis pela bagunça. — Nós sorrimos para ela, mas vi Philip Leroy nos mostrar a língua.

— Agora eu vou subir para buscar a sobremesa — a sra. Fishbein disse. — E espero que se comportem como damas e cavalheiros.

A sobremesa era cupcakes minúsculos de todas as cores. Eu comi dois de chocolate, até que Freddy Barnett veio à nossa mesa.

— Tenho certeza de que essas meninas não fizeram nada ruim! — ele imitou. — Elas são tão boazinhas e fofinhas.

— Ah, cala a boca! — Nancy disse para ele, se levantando. Ela tinha a mesma altura de Freddy.

— Por que você não cala a boca, sua *sabe-tudo*!

— Ah, corta essa, Lagosta — Nancy gritou.

— Quem é lagosta?

— Você! — Nancy trincou os dentes.

Freddy agarrou Nancy e, por um segundo, achei que ele fosse bater nela.

— Tira essas patas de lagosta de mim! — Nancy gritou.

— Quero ver você me obrigar — Freddy disse a ela.

Nancy deu um giro, mas Freddy tinha segurado o vestido dela pelo bolso e, quando me dei conta, Freddy ainda estava com o bolso na mão, mas Nancy estava do outro lado da sala.

— Ah! Ele rasgou meu bolso! — Nancy berrou.

Freddy parecia incapaz de acreditar no que tinha feito. Mas lá estava ele, segurando o bolso dela. Não tinha um buraco no vestido de Nancy... só uns fios soltos onde antes ficava o bolso. Ela correu escada acima e voltou alguns minutos depois com a sra. Fishbein.

— Ele arrancou meu bolso — Nancy disse, apontando para Freddy Barnett.

— Foi sem querer — Freddy explicou. — Ele só saiu.

— Estou chocada com seu comportamento. *Simplesmente chocada!* — a sra. Fishbein disse. — Eu não sei que tipo de crianças vocês são. Não vou mandar vocês para casa porque seus pais estão esperando que fiquem aqui até as nove e são só sete horas. Mas vou dizer uma coisa... Qualquer arruaça mais e ligo imediatamente para os seus responsáveis para relatar esse comportamento *abominável!*

A sra. Fishbein marchou escada acima. Nós não conseguimos segurar as risadas. Era tudo tão engraçado. *Arruaça e abominável!*

Até Nancy e Freddy tiveram que rir. Então, Norman sugeriu que a gente brincasse de alguma coisa para parar de se encrencar.

— O primeiro jogo é Adivinha Só — Norman disse.

— Adivinha Só? — Janie disse. — Como se joga isso?

Norman explicou.

— Olha, eu desligo todas as luzes e os garotos fazem fila num lado, e as garotas, no outro, e quando eu gritar *vai*, os garotos correm para o lado das garotas e tentam adivinhar quem é quem só pelo toque.

— Não, obrigada — Gretchen disse. — Isso é nojento!

— Acima do pescoço, Gretchen — Norman disse. — Só do pescoço para cima.

— Pode esquecer — Gretchen disse, e todo mundo concordou. Principalmente eu... não conseguia parar de pensar nas minhas seis bolotas de algodão. Elas não estavam muito abaixo do pescoço.

— Está bem — Norman disse. — A gente começa com o jogo da garrafa.

— Que brega! — Philip Leroy gritou.

— É — os outros garotos concordaram.

— A gente tem que começar com alguma coisa — Norman disse.

Ele colocou uma garrafa verde no chão. Nós nos sentamos num círculo grande ao redor. Norman ditou as regras:

— Você pode beijar a pessoa que estiver mais perto de onde a garrafa apontar. Não vale garoto beijar garoto e garota beijar garota.

Norman girou primeiro. Ele tirou a Janie. Ele se abaixou e deu um beijo na bochecha dela, perto da orelha, só que mais alto. Ele correu de volta para o lugar dele no círculo. Todo mundo riu. Então Janie teve que girar. Ela tirou Jay. Ela colocou o rosto do lado do dele, mas beijou o ar em vez dele.

— Não vale! — Norman chamou atenção. — Você tem que beijar *de verdade*.

— Tá bom, tá bom — Janie disse.

Ela tentou de novo e beijou dessa vez, mas bem longe da boca.

Eu me sentia muito mais segura sabendo que seria só beijo na bochecha. Prendi a respiração toda vez que alguém girava a garrafa, esperando para ver quem me tiraria e me perguntando quem eu tiraria. Quando Gretchen tirou Philip Leroy, ela mal conseguiu se levantar. Ela ficou mordendo o lábio e, enfim, foi até ele e deu o beijo mais rápido da história. Então eu realmente não consegui respirar porque pensei: se ele me tirar, vou desmaiar. Fechei os olhos. Quando abri, vi a garrafa apontando direto para Laura Danker. Ela estava olhando para baixo e,

quando Philip se abaixou para dar um beijo nela, acho que só o que ele conseguiu alcançar foi a testa e uns cabelos soltos.

Foi quando Jay falou:

— Isso é *muito* idiota. Vamos jogar dois minutos no céu.

— Como é esse? — Norman perguntou.

Jay explicou:

— Todo mundo tira um número, e alguém começa a chamar, tipo... número seis... e as duas pessoas ficam no closet por dois minutos e... ah, vocês já sabem.

— A gente não tem um closet aqui — Norman disse. — Mas tem o banheiro.

Norman arrumou papel e lápis muito rápido. Ele rabiscou os números num grande pedaço de papel... ímpares para os garotos, pares para as garotas. Em seguida, rasgamos cada número e colocamos primeiro os pares, depois os ímpares, no chapéu do pai dele. Todo mundo tirou um número. Eu fiquei com o número doze.

Eu estava meio assustada, meio empolgada, e desejando já ter praticado, que nem Nancy. Ela saberia o que fazer com um garoto no escuro, mas o que eu sabia? Nada!

Norman disse que iria primeiro porque era a festa dele. Ninguém foi contra. Ele se levantou e limpou a garganta.

— Número... ahn... número dezesseis — ele disse.

Gretchen soltou um gritinho e se levantou num pulo.

— Tchauzinho para os dois — Nancy disse. — Não demorem muito!

Demorar! Eles voltaram em três segundos.

— Ué! Pensei que você tinha dito dois minutos — Philip Leroy gritou.

— Dois minutos é o limite — Norman disse. — Mas você não tem que ficar todo esse tempo, se não quiser.

Gretchen chamou o número três, que era Freddy Barnett, e eu torci para me lembrar de nunca chamar o três.

Então, Freddy pediu o catorze e tirou a Laura Danker. Todo mundo deu uma risadinha. Eu me perguntava como ele beijaria a Laura, porque eu não achava que ele alcançaria o rosto dela sem subir em alguma coisa.

Talvez ele ficasse em cima do vaso sanitário, pensei. E depois de pensar nisso eu não conseguia parar de rir.

Quando saíram do banheiro, o rosto de Laura estava tão vermelho quanto o de Freddy, e eu achei isso muito engraçado para uma garota que fica com garotos atrás do supermercado.

Laura chamou o número, na vez dela, com voz muito baixa.

— Sete — ela disse.

Philip Leroy se levantou e sorriu para os garotos. Ele afastou o cabelo do rosto e caminhou para o banheiro com as mãos enfiadas nos bolsos. Fiquei pensando que, se ele realmente gostasse dela, pediria o número dela de volta e os dois ficariam juntos no banheiro pelo resto da festa.

Quando saíram, Philip ainda estava sorrindo, mas Laura não. Nancy me cutucou e me lançou aquele olhar de quem sabe das coisas. Eu estava tão ocupada olhando para Laura que não ouvi Philip chamar o número doze.

— Quem é doze? — Philip perguntou. — Alguém tem que ser doze.

— Você disse doze? — perguntei. — Sou eu.

— Bem, vamos lá, Margaret.

Eu me levantei, sabendo que nunca conseguiria atravessar o salão de jogos até o banheiro, onde Philip Leroy estava esperando para me beijar. Eu vi Janie, Gretchen e Nancy sorrindo para mim. Mas eu não consegui sorrir de volta. Não sei como cheguei no banheiro. Tudo o que sei é que entrei e Philip fechou a porta. Era difícil enxergar qualquer coisa.

— Oi, Margaret — ele disse.

— Oi, Philip — sussurrei. Então eu comecei a rir.

— Eu não vou conseguir beijar você se você não parar de rir — ele disse.

— Por que não?

— Porque sua boca fica aberta quando ri.

— Você vai me beijar na boca?

— Você sabe de outro lugar melhor?

Eu parei de rir. Eu queria poder me lembrar do que Nancy tinha me dito no dia em que me mostrou como beijar o travesseiro.

— Fica parada, Margaret — Philip me disse.

Eu fiquei.

Ele colocou as mãos nos meus ombros e se aproximou. Então, ele me beijou. Um beijo muito rápido! Não do tipo que você vê em filmes em que o garoto e a garota se agarram por muito tempo. Enquanto eu estava pensando nisso, Philip me beijou outra vez. Então, ele abriu a porta do banheiro e voltou para o lugar dele.

— Chama um número, Margaret — Norman disse. — Vai logo.

Eu não conseguia nem pensar em número nenhum. Eu queria chamar o número do Philip Leroy. Mas não conseguia me lembrar. Então pedi número nove e tirei Norman Fishbein!

Ele estava muito orgulhoso. Como se eu tivesse escolhido de propósito. Rá! Ele praticamente correu até o banheiro.

Depois que fechou a porta, ele disse:

— Eu gosto muito de você, Margaret. Como quer que eu te beije?

— Na bochecha e rápido — falei.

Ele obedeceu e eu abri a porta rápido e saí do banheiro. E foi só isso!

Mais tarde, na minha casa, Nancy me disse que achava que eu era a garota mais sortuda do mundo e talvez tivesse sido o destino o que me uniu com Philip Leroy.

— Ele beijou bem? — ela perguntou.

— Muito bem — eu disse.

— Quantas vezes? — ela quis saber.

— Umas cinco. Eu perdi a conta.

— Ele *falou* alguma coisa?

— Não muito.

— Você ainda gosta dele?

— Claro!

— Eu também.

— Boa noite, Nancy.

— Boa noite, Margaret.

Eu fui ao culto de véspera de Natal com os Wheeler, na Igreja Metodista Unida de Farbrook. Perguntei a Nancy se eu precisava conhecer o pastor.

— Tá de brincadeira! — ela disse. — O lugar vai estar lotado. Ele não sabe nem o *meu* nome.

Relaxe um pouco depois disso e aproveitei boa parte da cerimônia, principalmente porque não tinha sermão. Em vez disso, o coral cantou por quarenta e cinco minutos.

Eu cheguei em casa perto da meia-noite. Eu estava tão cansada que meus pais nem me interrogaram. Simplesmente capotei na cama sem nem escovar os dentes.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Acabei de chegar em casa da igreja. Eu amei o coral... as músicas eram tão lindas. Ainda assim, não senti você de verdade, Deus. Estou mais confusa que nunca. Estou tentando tanto entender, mas queria que você me ajudasse um pouco. Se pudesse me dar só uma dica, Deus. Que religião eu deveria seguir? Às vezes, eu queria já ter nascido de um jeito ou de outro.

A vovó mal voltou do cruzeiro e já fez as malas e foi para a Flórida. Ela disse que Nova York não tinha nada de bom desde que eu fui embora. Ela me mandou dois cartões postais por semana, ligou toda sexta-feira à noite e prometeu estar de volta antes da Páscoa.

Nossas conversas por telefone eram sempre as mesmas. Eu falava primeiro:

— Oi, vovó... Sim, eu estou bem... Eles estão bem... Tudo bem na escola... Também estou com saudades.

Depois meu pai falava:

— Oi, mãe... Sim, estamos bem... Como está o clima aí?... Bom, vai ter que aparecer mais cedo ou mais tarde. É por isso que chamam de o Estado Ensolarado, né?

Então era a vez da minha mãe:

— Oi, Sylvia... Sim, Margaret está muito bem... É claro que tenho certeza... Está bem, e você se cuide também.

Depois eu falava de novo:

— Tchau, vovó. Até logo.

Na segunda semana de janeiro, o sr. Benedict anunciou que as garotas do nosso ano assistiriam a um filme na sexta-feira à tarde. Os garotos não iam ver o filme. Nesse tempo, eles teriam uma conversa com o professor de educação física do Ensino Fundamental.

Nancy me passou um bilhete. Dizia: *E lá vamos nós... O tal do filme de sexo.*

Quando eu perguntei sobre o filme, ela falou que a Associação de Pais e Mestres organiza a exibição que se chama *Coisas que toda garota deve saber.*

Quando voltei para casa, falei para minha mãe:

— Vamos ver um filme na escola na sexta-feira.

— Eu sei — minha mãe disse. — Eu recebi uma carta sobre isso. É sobre menstruação.

— Eu já sei tudo sobre isso.

— Eu sei que você sabe — minha mãe disse. — Mas é importante que *todas* as garotas assistam, caso as mães não tenham contado tudo para elas.

— Ah.

Na sexta-feira de manhã, tinha muitas risadinhas. Enfim, às duas da tarde, as garotas fizeram fila e foram para o auditório. A gente pegou as

três primeiras filas. Tinha uma senhora no palco, vestida num terno cinza. Ela tinha um traseiro grande e, além disso, usava um chapéu.

— Olá, meninas — ela disse. A senhora segurava um lenço que usava para acenar para nós de vez em quando. — Estou aqui para falar com vocês a respeito do filme *Coisas que toda garota deve saber*, que é um oferecimento da Private Lady Company. Nós vamos conversar um pouco mais depois do filme. — A voz dela era suave, como a de uma apresentadora de rádio.

Então as luzes se apagaram e nós assistimos ao filme. O narrador pronunciava a palavra como menstruu-ação.

— Lembre-se — a voz dizia —, é menstruu-ação.

Gretchen, sentada do meu lado, me deu um chutinho e eu dei outro na Nancy, do outro lado.

Nós cobrimos a boca com as mãos para não rir.

O filme nos contou sobre os ovários e explicou por que as meninas menstruu-am. Mas não nos contou qual era a sensação, exceto para nos dizer que não é doloroso, o que a gente já sabia, de qualquer forma. Além disso, não mostrou uma garota realmente menstruada. Só disse como a natureza era maravilhosa e como a gente logo se tornaria mulher, e tudo mais. Depois do filme, a senhora no terno cinza perguntou se havia alguma dúvida.

Nancy levantou a mão e, quando a Terno Cinza a chamou, Nancy perguntou:

— Mas e O.B.?

A Terno Cinza tossiu no lenquinho e disse:

— Nós não recomendamos *proteção interna* até vocês serem consideravelmente mais velhas.

Então a Terno Cinza desceu do palco e nos entregou livrinhos chamados *Coisas que toda garota deve saber*. O livrinho recomendava que a gente usasse produtos de higiene feminina da Private Lady. Parecia um grande comercial. Eu fiz uma nota mental de nunca comprar coisas dessa empresa *quando e se* algum dia eu precisasse.

Por dias depois disso, sempre que eu olhava para Gretchen, Janie ou Nancy, a gente fingia estar dizendo menstruu-ação. A gente ria muito. Mas o sr. Benedict disse que a gente tinha que se acalmar, já que tinha muita coisa que precisávamos aprender até estarmos prontas para as aulas do sétimo ano.

Uma semana depois, Gretchen ficou menstruada. Fizemos uma reunião especial das EPAs naquela tarde.

— Fiquei menstruada ontem de noite. Dá para notar? — ela nos perguntou.

— Ai, Gretchen! Que sortuda! — Nancy guinchou. — Eu tinha certeza de que eu ia ser a primeira. Eu tenho mais peito que você!

— Bem, isso não quer dizer muita coisa — Gretchen falou com um ar de sabedoria.

— Como foi? — perguntei.

— Bom, eu estava sentada na mesa jantando quando tive a sensação de que alguma coisa estava vazando de mim.

— E depois... E depois? — Nancy disse.

— Bom, eu corri para o banheiro e, quando eu vi o que era, eu chamei minha mãe.

— E? — perguntei.

— Ela gritou que estava comendo.

— E? — Janie disse.

— Bom, eu gritei de novo dizendo que era importante.

— E... E... — Nancy insistiu.

— Então... ahn... ela veio e eu mostrei para ela — Gretchen disse.

— E aí? — Janie perguntou.

— Bem, ela não tinha as coisas em casa. Ela usa O.B... então teve que ligar para a farmácia e pedir uns absorventes.

— O que você fez enquanto isso? — Janie perguntou.

— Eu fiquei com uma toalhinha na calcinha — Gretchen disse.

— Ah... não! — Nancy disse, rindo.

— Bem, eu tive que fazer isso — Gretchen respondeu.

— Tudo bem... e aí? — perguntei.
— Bom... Tipo uma hora depois, as coisas chegaram da farmácia.
— E depois? — Nancy perguntou.
— Minha mãe me mostrou como colocar o absorvente na calcinha.
Ah... vocês sabem...

Nancy ficou brava.

— Escuta, Gretchen, a gente combinou ou não que contaria absolutamente tudo sobre isso?

— Eu estou contando tudo, não estou? — Gretchen perguntou.

— Não direito — Nancy disse. — Qual é a *sensação*?

— Na maior parte do tempo, eu não sinto nada. Às vezes, parece que tem umas gotas saindo. Não dói quando sai, mas eu tive um pouco de cólica noite passada.

— Foi muito ruim? — Janie perguntou.

— Não muito. Só foi diferente — Gretchen disse. — Uma dor mais para baixo, e chegando até as costas.

— Isso faz você se sentir mais madura? — perguntei.

— Óbvio — Gretchen respondeu. — Minha mãe disse que agora eu tenho mesmo que prestar atenção na comida porque ganhei peso demais esse ano. E ela me mandou lavar bem o rosto de agora em diante... com sabonete.

— E foi só isso? — Nancy disse. — A história toda?

— Desculpa frustrar você, Nancy. Mas, na verdade, é só isso o que eu tenho para contar. Ah, tem uma coisa que me esqueci de falar. Minha mãe falou que talvez eu não fique todo mês ainda. Às vezes demora um tempo até regularizar.

— Você vai usar aqueles produtos da Private Lady? — perguntei.

— Não, a farmácia mandou da Teenage Softies.

— Bom, acho que sou a próxima — Nancy disse.

Janie e eu nos olhamos. Nós também achávamos.

Quando fui para casa, contei para minha mãe:

— Gretchen Potter ficou menstruada.

— É mesmo? — minha mãe perguntou.
— Sim — respondi.
— Acho que logo, logo você fica também.
— Quantos anos você tinha, mãe... Quando você ficou?
— Ahn... Acho que uns catorze.
— *Catorze!* Que loucura. Não vou esperar até os catorze anos.
— Lamento, mas não tem muito o que você possa fazer, Margaret. Algumas garotas menstruam mais cedo que outras. Eu tive uma prima que só menstruou com dezesseis anos.
— Você acha que isso pode acontecer comigo? Eu ia morrer!
— Se você não menstruar quando estiver com catorze anos, eu levo você ao médico. Agora, pare de se preocupar!
— Como que eu posso parar de me preocupar se não sei se vou ser normal?
— Eu prometo, você vai ser normal.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Gretchen, minha amiga, ficou menstruada. Estou com muita inveja, Deus. Eu me odeio por ter tanta inveja, mas tenho. Queria que você me ajudasse um pouquinho só. A Nancy tem certeza de que vai ficar logo também. E se eu for a última, não sei o que vou fazer. Ah, por favor, Deus. Eu só quero ser normal.

Nancy e a família dela foram para Washington passar o feriado do aniversário do presidente Lincoln. Recebi um cartão-postal antes de ela voltar, o que quer dizer que Nancy deve ter mandado assim que chegou lá. Só tinha três palavras no cartão:

EU FIQUEI TAMBÉM!

Rasguei o cartão em pedacinhos e corri para o meu quarto. Tinha alguma coisa errada comigo. Eu sabia que sim. E não tinha nada que eu pudesse fazer. Eu me joguei na cama e chorei. Na semana seguinte,

Nancy iria querer contar tudo sobre a menstruação dela e sobre como ela estava adulta. Bem, eu não queria ouvir as boas notícias dela!

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. A vida só piora a cada dia. Eu vou ser a única que não fica menstruada. Eu sei disso, Deus. Que nem sou a única sem religião. Por que você não pode me ajudar? Eu não fiz sempre o que você quis? Por favor... me deixe ser como todo mundo.

Minha mãe me levou ao Lincoln Center duas vezes. Nós usamos a assinatura da vovó. Não foi tão divertido como era ir com a vovó porque, primeiro, eu não pude andar de ônibus sozinha e, segundo, minha mãe achava que o concerto em si era mais importante do que olhar as pessoas. Escrevi uma carta para a vovó.

Querida vovó,

Estou com saudades. A Flórida parece muito divertida. Está tudo bem na escola. Mamãe e papai estão bem. Eu estou bem também.

Só tive um resfriado até agora, e umas duas viroses. Uma foi daquelas que faz vomitar. Esqueci de te contar isso pelo telefone, mas quando fomos ao Lincoln Center, tinha um monte de restos de neve suja por tudo que era canto, então eu não consegui sentar perto da fonte. Tive que usar botas também, e meus pés ficaram suando o concerto todo. Minha mãe não me deixou tirar, que nem você deixa. Nevou outra vez ontem. Aposto que você não sente falta da neve, né? Mas a neve é mais divertida em Nova Jersey do que em Nova York. É mais limpa, pelo menos.

Com amor,

Margaret

Vovó escreveu respondendo:

Querida Margaret,

Também estou com muitas saudades. Obrigada por sua bela carta. Espero que sua mãe tenha levado você a um bom médico quando você ficou doente. Se eu estivesse em casa, pediria ao dr. Cohen uma recomendação em Nova Jersey. Deve ter um ou dois médicos bons por aí. Você provavelmente ficou resfriada porque não tirou as botas no Lincoln Center. Sua mãe deveria saber dessas coisas! De agora em diante, tire suas botas como sempre fazemos... não importa o que sua mãe te diga! Só não conte a ela que fui eu que falei isso.

Conheci um homem muito simpático no hotel. Ele se chama sr. Binamin. Ele também é de Nova York. Nós jantamos juntos e, às vezes, vemos alguma apresentação. Ele é viúvo e tem três filhos (todos casados). *Eles* acham que ele deveria se casar de novo. *Ele* acha que deveria se casar de novo. Mas eu não estou sugerindo nada disso! Espero que sua mãe e seu pai deixem você ficar comigo durante o recesso de primavera. Você gostaria de vir? Vou escrever uma carta pedindo a autorização deles.

Tome cuidado e se agasalhe bem! Fico esperando outra carta sua.

Com todo o meu amor,
Vovó

Querida vovó,

Mamãe e papai disseram que eu provavelmente vou poder visitar você durante o recesso de primavera, mas que está longe demais para fazermos planos com certeza. Fiquei tão animada!

Já estou contando os dias. Nunca andei de avião, como você sabe. E a Flórida parece ser muito divertida! Também quero ver o que está acontecendo com você e esse sr. Binamin. Você nunca nos conta nada quando liga! Eu estou bem. A neve derreteu.

Mamãe está pintando um quadro novo. Dessa vez são damascos,

uvas e folhas de hera. Eu já contei para você que minhas amigas
Nancy e Gretchen ficaram menstruadas?

A gente se vê logo, espero.

Com amor e beijos,

Margaret

No primeiro domingo de março, Nancy me convidou para passar o dia em Nova York com a família dela. Evan levou Moose. Era muito legal fazer todo o caminho até a cidade com Moose Freed no mesmo carro que eu, só que os Wheeler usaram a perua. Os meninos ficaram no fundo, e Nancy e eu ficamos no meio, então, se eu quisesse ver Moose, tinha que me virar de costas, e quando ando de carro desse jeito acabo enjoada.

Nós fomos ao Radio City Music Hall. A vovó costumava me levar lá quando eu era pequena. Meus pais sempre dizem que é só para turistas. Eu queria me sentar ao lado do Moose, mas ele e Evan encontraram dois lugares vazios separados só para eles.

Depois da apresentação, os Wheeler nos levaram para jantar no Steak Place. Nancy e eu escolhemos o prato, então pedimos licença para ir ao banheiro. Nós éramos as únicas lá, o que era muita sorte, porque só tinha duas cabines e nós duas estávamos muito apertadas. Assim que terminei, ouvi a Nancy resmungar.

— Ah, não... Ah, não...

— O que aconteceu, Nancy? — perguntei.

— Ah, por favor... Ah, não...

— Está tudo bem? — eu bati na parede que nos separava.

— Chama a minha mãe... rápido! — ela sussurrou.

Eu parei na frente da porta dela.

— O que foi? — Eu tentei abrir a porta, mas estava trancada. — Me deixa entrar.

Nancy começou a chorar.

— Por favor, chama a minha mãe.

— Tá bom. Estou indo. Já volto.

Corri para a nossa mesa no restaurante, torcendo para a Nancy não desmaiar nem nada assim antes de eu chegar com a mãe dela.

Sussurrei para a sra. Wheeler:

— Nancy está passando mal. Ela está no banheiro chorando e pediu para te chamar.

A sra. Wheeler se levantou num pulo e me seguiu até o banheiro feminino. Eu conseguia ouvir os soluços da Nancy.

— Nancy? — a sra. Wheeler chamou, tentando abrir a porta.

— Ah, mãe... estou com tanto medo! Me ajuda... por favor.

— A porta está trancada, Nancy. Não consigo entrar — a sra. Wheeler disse. — Você precisa abrir.

— Eu não consigo... Não consigo... — Nancy chorou.

— Eu posso passar por baixo e abrir a porta do outro lado — sugeri. — Você acha melhor? — perguntei a sra. Wheeler.

Ela fez que sim com a cabeça.

Eu juntei a saia ao redor das pernas para que não ficassem se arrastando no piso e rastejei por baixo da porta. O rosto de Nancy estava enterrado nas mãos. Eu destravei a porta para a sra. Wheeler, depois esperei do lado de fora, perto da pia. Eu me perguntava se Nancy precisaria ir para o hospital ou coisa do tipo. Eu esperava que não fosse nada contagioso.

Poucos minutos depois, a sra. Wheeler abriu uma fresta da porta e me passou umas moedas.

— Margaret — ela disse —, você poderia comprar uns absorventes, por favor? — Eu devo ter feito uma cara esquisita, porque ela disse: — Tem uma máquina na parede, querida. Nancy está menstruada.

— Ela sempre fica assim?

— É a primeira vez — a sra. Wheeler explicou. — Ela está assustada. — Nancy ainda estava chorando e as duas trocavam muitos sussurros.

Eu não acreditei! Logo a Nancy, que sabia de tudo! Ela tinha mentido para mim sobre ficar menstruada. Estava ficando agora pela primeira vez!

Coloquei as moedas na máquina e empurrei uma alavanca pequena. O absorvente saiu numa caixinha de papelão. Eu passei para a sra. Wheeler.

— Nancy, fique calma — ouvi a mãe dela dizer. — Não posso ajudar se você não parar de chorar.

E se eu não tivesse ido naquele dia? Eu nunca saberia isso sobre Nancy. Quase desejei não saber.

Enfim Nancy e a mãe saíram da cabine, e a sra. Wheeler sugeriu que a Nancy lavasse o rosto antes de voltar para a mesa.

— Vou falar para eles não se preocuparem — ela disse. — Não demorem muito, meninas.

Eu não sabia o que dizer. Assim, o que você pode dizer depois de descobrir que sua amiga é uma mentirosa?

Nancy lavou as mãos e o rosto. Eu passei duas toalhas de papel para ela se secar.

— Você está bem? — perguntei.

Senti um pouco de pena dela naquele momento. Eu quero que minha menstruação venha também, mas não o suficiente para mentir sobre isso.

Nancy me encarou:

— Margaret, por favor, não conta para ninguém.

— Ah, Nancy...

— Estou falando sério. Acho que eu morreria se as meninas descobrissem. Promete que não vai contar — ela implorou.

— Não vou.

— Eu achei que tinha ficado naquela vez. Sabe... Não saí inventando. Só me enganei.

— Tudo bem — eu disse.

— Você vai contar?

— Eu disse que não vou.

Nós voltamos para a mesa e nos juntamos aos outros para jantar. Nossos bifes estavam sendo servidos naquele momento. Fiquei sentada ao lado do Moose. Ele tinha um cheiro muito bom. Eu me perguntei se ele fazia a barba, porque o cheiro bom me lembrava o pós-barba do meu pai. Eu encostei na mão dele algumas vezes, porque ele é canhoto e eu

sou destra, então de vez em quando a gente se esbarrava. Ele disse que sempre tinha esse problema em mesas redondas. Ele era definitivamente o primeiro no meu Livro de Garotos, mesmo que ninguém soubesse além de mim.

Eu só consegui comer metade do meu bife. Os Wheeler levaram a outra metade para viagem numa caixinha, falando que era para o cachorro. Eu sabia que eles não tinham cachorro, mas é claro que não contei para a garçonete.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Nancy Wheeler é uma mentirosa. Ela inventa coisas! Nunca mais vou conseguir confiar nela de novo. Vou esperar para descobrir por você se sou normal ou não. Se quiser me mandar um sinal, ótimo. Se não, vou tentar ser paciente. Só queria pedir para não ficar menstruada na escola, porque se eu tiver que contar ao sr. Benedict, vou morrer. Obrigada, Deus.

No dia 8 de março, completei doze anos. A primeira coisa que fiz foi cheirar as axilas, do jeito que minha mãe faz. Nada! Não senti cheiro de nada. Ainda assim, agora que eu tinha doze anos, decidi que era melhor usar desodorante, por via das dúvidas. Fui ao banheiro dos meus pais e procurei o roll-on da minha mãe. Depois de me vestir, desci para a cozinha, para tomar café da manhã.

— Parabéns, Margaret! — minha mãe cantarolou, inclinando-se para me dar um beijo enquanto eu tomava suco de laranja.

— Obrigada, mãe — falei. — Usei o seu desodorante.

Minha mãe riu.

— Você não precisa usar o meu. Eu compro um para você.

— Mesmo? — perguntei.

— Claro, se você quiser usar com frequência.

— Bem, acho que seria melhor. Eu tenho doze anos agora, sabe.

— Eu sei... Eu sei. — Minha mãe sorriu para mim enquanto cortava bananas para colocar no meu cereal.

A vovó me mandou um título de poupança de cem dólares, como ela fazia todo ano, além de três suéteres novos com as etiquetas de FEITOS SOB MEDIDA PARA VOCÊ... DA VOVÓ, um maiô novo e uma passagem de avião para a Flórida! Passagem de ida e volta, saindo em 4 de abril, ao meio-dia, do Aeroporto de Newark. Como eu estava animada!

Na escola, o sr. Benedict apertou minha mão e me desejou muita sorte no meu próximo ano. Ele liderou a turma toda no “Parabéns pra você”. Nancy, Janie e Gretchen fizeram uma vaquinha e compraram para mim o álbum novo do Mice Men. Elas me deram de presente no almoço. Nancy

me entregou um cartão de aniversário separado assinado com “Obrigada um milhão de vezes para a melhor amiga que alguém poderia ter”. Acho que ela ainda estava com medo de que eu contasse o segredo dela.

Naquela tarde, o sr. Benedict anunciou que, nas três semanas seguintes, uma parte de cada dia de aula seria dedicada a um trabalho em grupo. Nós faríamos projetos sobre países diferentes. Janie, Nancy, Gretchen e eu trocamos olhares de que íamos fazer o trabalho juntas, é claro.

Mas aquele danado do Miles J. Benedict! Ele disse que queria que fizéssemos o trabalho com pessoas diferentes, então já tinha organizado os grupos. Bom, eis aí um professor de primeira viagem! Ele não sabia que era uma má ideia? Não sabia que ele deveria nos deixar formar nossos próprios grupos? Professores nunca saem falando que escolheram com quem você deveria fazer um trabalho. Já é ruim o suficiente quando fingem que nos deixam escolher um tema quando já sabem o tempo todo o que temos que fazer. Mas isso era absurdo!

Acho que o sr. Benedict não achava absurdo, porque ele já estava lendo os nomes dos grupos em voz alta. Cada grupo teria quatro pessoas. Dois garotos e duas garotas, com um grupo diferente que teria três garotas. Eu não consegui acreditar quando ele leu os nomes do meu grupo. Norman Fishbein, Philip Leroy, Laura Danker e eu! Lancei um olhar para a Janie. Ela revirou os olhos. Levantei a sobrancelha para ela em resposta.

Sr. Benedict nos pediu para reorganizar as carteiras com nossos grupos. Eu seria obrigada a falar com a Laura Danker! Não teria jeito. Eu também ia passar muito tempo com Philip Leroy, o que era uma ideia animadora.

A primeira coisa que Philip fez depois de a gente juntar nossas mesas foi cantar para mim.

*“Parabéns pra você...
Eu só vim pra comer...
E o presente que é bom,
esqueci de trazer!”*

Então ele me deu um beliscão no braço — com força! O suficiente para fazer meus olhos lacrimejarem. Ele disse:

— É um beliscão para crescer de montão. E você já sabe onde precisa crescer!

Eu sabia que era só uma piada. Sabia que não deveria levar a sério. Para começo de conversa, nem tinha festa para ter comida. E depois, não era da conta do Philip Leroy se eu precisava ou não crescer *em qualquer lugar*! Por mim, Nancy podia ficar com ele. Eles se mereciam.

Para piorar a situação, precisei me sentar de frente para Laura Danker. Eu odiava essa garota. Eu odiava Laura por ser tão madura e linda, e por todos os garotos ficarem olhando para ela, incluindo o sr. Benedict. Além disso, odiava a Laura porque ela sabia que era normal, e eu não sabia nada sobre mim mesma! Odiava o sr. Benedict também... por me colocar junto com Norman Fishbein. Norman era um chato!

Então, no geral, meu aniversário, que começou sendo o dia mais perfeito da minha vida, acabou péssimo. Eu mal podia esperar pelo recesso de primavera. A única coisa boa que tinha em vista era a viagem para a Flórida. Estava de saco cheio da escola.

Em casa, minha mãe disse que nunca tinha me visto com um humor tão ruim. O mau humor durou todas as três semanas daquele trabalho em grupo idiota. A cereja do bolo foi que nosso grupo decidiu, votando três contra um, fazer um relatório sobre a Bélgica. Eu queria um país mais emocionante, como a França ou a Espanha. Mas perdi.

Então comi, respirei e dormi com a Bélgica por três semanas. Philip Leroy era muito preguiçoso. Eu descobri isso logo de cara. Ele só ficava de brincadeira. No tempo de aula dedicado ao projeto, enquanto a Laura, o Norman e eu estávamos pesquisando coisas em livros, Philip estava muito ocupado desenhando caretas no caderno dele. Em dois dias, ele trouxe revistas em quadrinhos dentro do caderno e ficou lendo em vez de ajudar. Norman Fishbein se esforçava muito, mas ele era tão lento! E eu não aguentava o jeito que ele lia, mexendo a boca. Laura era esforçada. Mas, é claro, eu nunca disse para ela que *eu* achava isso.

Na terceira semana do Projeto Bélgica, Laura e eu fomos autorizadas a ficar fazendo o trabalho na biblioteca depois da aula. A gente precisava de mais tempo com as enciclopédias. Minha mãe ia me buscar na frente da escola às quatro e meia. Laura iria andando da escola para a igreja, porque ela precisava se confessar.

Isso realmente me colocou para pensar. Em primeiro lugar, eu nem sabia que ela era católica. Em segundo, eu me perguntava o que ela diria na confissão. Quer dizer, será que falava do que ela fazia com os garotos? E, se era o caso, o que o padre respondia? Será que ela ia se confessar toda vez que fazia alguma coisa ruim? Ou ela juntava tudo e ia uma vez por mês?

Fiquei tão distraída pensando na Laura e na confissão que quase me esqueci da Bélgica. E provavelmente nunca teria feito comentário nenhum se não fosse pela Laura. Ela implicou comigo primeiro. Então, na verdade, foi tudo culpa dela.

— Você está copiando isso direto do *World Book*, palavra por palavra — ela sussurrou para mim.

— E daí?

— Bem, não pode fazer isso — ela explicou. — A gente tem que ler e depois escrever usando as próprias palavras. O sr. Benedict vai *perceber* se você copiar.

Normalmente, não copio igualzinho. Eu entendo as regras tanto quanto a Laura. Mas eu estava distraída pensando em outras coisas e, de qualquer forma, quem a Laura achava que era, me dando ordens desse jeito? Que mandona!

Então eu falei:

— Ah, você acha que é melhor que todo mundo, não é?

E ela disse:

— Isso não tem nada a ver com ser melhor ou pior.

Então falei:

— Eu já sei tudo de você mesmo!

Ela disse:

— O que é que você quer dizer com *isso*?

E a bibliotecária disse:

— Meninas... vamos fazer silêncio.

Então Laura voltou ao trabalho. Mas eu não.

— Eu sei de tudo sobre você e o Moose Freed — sussurrei.

Laura largou o lápis e olhou para mim.

— O *que* você ouviu sobre mim e o Moose Freed?

— Ah... Que você, o Evan e o Moose ficam se beijando atrás do supermercado A&P — falei.

— Por que eu faria uma coisa dessas? — Laura perguntou.

Ela era uma anta!

— Eu não sei por que *você* faz isso. Mas sei por que *eles* fazem... querem *apalpar* você ou alguma coisa do tipo, e *você* deixa!

Ela fechou a enciclopédia com força e se levantou. O rosto dela estava vermelho, pegando fogo, e eu vi uma veia azul saltando no pescoço.

— Sua mentirosa imunda! *Sua porquinha!* — Ninguém nunca tinha me chamado desses nomes, em toda a minha vida.

Laura guardou os livros e o casaco e saiu correndo da biblioteca. Eu peguei minhas coisas e fui atrás dela.

Eu realmente estava sendo horrível com ela, e tinha planejado. Eu parecia a Nancy. Foi quando me dei conta de que, até onde eu sabia, Nancy tinha inventado essa história da Laura. Ou talvez Moose e Evan tivessem inventado só para se gabar. Sim, aposto que inventaram! Moose era um grande mentiroso também!

— Ei, Laura! Espera — chamei.

Ela andava rápido... provavelmente porque tinha pernas muito compridas. Fui correndo atrás dela. Quando finalmente alcancei, mal conseguia respirar. Laura continuou andando sem olhar para mim. Eu não a culpava. Fiquei andando ao lado dela. Eu precisava dar quatro passos para cada dois dela.

— Olha — comecei. — Não estou dizendo que é errado fazer essas coisas.

— Eu acho nojento vocês todos implicarem comigo só porque sou maior! — Laura disse, fungando.

Eu queria falar para ela assoar o nariz.

— Não quis te ofender — falei. — Foi você que começou.

— Eu? Essa é boa! Você acha que é divertido fazer piada de mim, não acha?

— Não.

— Você acha que eu não sei tudo sobre *você* e suas amigas? Você acha que é legal ser a maior garota da turma?

— Eu não sei — falei. — Nunca pensei nisso.

— Então tenta pensar. Pensa em como *você* se sentiria se tivesse que usar sutiã desde o quarto ano e se todo mundo risse de *você*, e se sempre

tivesse que cruzar os braços na frente do corpo. E se todos os garotos chamassem você de nomes feios só por causa da sua aparência.

Eu pensei.

— Sinto muito, Laura — falei.

— Sente, até parece!

— Sinto mesmo. Se quer saber a verdade... bom, eu queria ter mais a sua aparência do que a minha.

— Eu trocaria de lugar com você, sem dúvida. Agora, vou me confessar. — Ela saiu caminhando, resmungando alguma coisa sobre como eram sempre as pessoas erradas que se confessavam.

Eu pensei que talvez ela tivesse razão. Talvez eu precisasse mesmo me confessar. Eu segui a Laura até a igreja. Ficava só a duas quadras da escola. Eu ainda tinha meia hora antes de a minha mãe chegar. Atravessei a rua e me escondi atrás de uma moita observando a Laura subir os degraus e entrar na igreja.

Em seguida, atravessei de volta para o outro lado da rua e subi os degraus de tijolos. Abri a porta e olhei para dentro. Não vi a Laura. Entrei na igreja e fui andando pelo corredor principal na ponta dos pés.

Estava tão silencioso. Eu me perguntei o que aconteceria se eu decidisse gritar; é claro que não gritaria, mas não conseguia parar de pensar em como um grito ecoaria ali.

Eu estava com muito calor com o meu casaco pesado, mas não o tirei. Depois de um tempo, vi a Laura sair por uma porta e me agachei atrás de um banco para ela não me ver. Ela sequer olhou na minha direção. Achei que ela não demorou muito se confessando.

Eu me sentia esquisita. Minhas pernas estavam ficando fracas. Assim que a Laura saiu da igreja, me levantei. Eu queria ir embora também. Tinha que encontrar minha mãe na escola. Mas, em vez de caminhar para a entrada da igreja e depois para a rua, eu andei no sentido contrário.

Parei em frente à porta de onde a Laura tinha saído. O que tinha ali dentro? Eu abri um pouquinho. Não tinha ninguém ali. Parecia uma cabine telefônica de madeira. Eu entrei e fechei a porta. Esperei alguma

coisa acontecer. Não sabia o que tinha que fazer, então só fiquei sentada ali.

Enfim, ouvi uma voz.

— Sim, minha filha?

De início, eu achei que era Deus. Realmente, de verdade, achei que era, e meu coração começou a bater loucamente, e eu estava toda suada dentro do casaco e meio tonta também. Mas aí me dei conta de que era só o padre na cabine ao lado. Ele não podia me ver e eu não podia vê-lo também, mas a gente podia se ouvir. Ainda assim, não falei nada.

— Sim, minha filha? — ele repetiu.

— Eu... Eu... ahn... ahn... — comecei.

— Sim? — o padre me perguntou.

— Eu sinto muito — sussurrei.

Escancarei a porta e disparei pelo corredor, até sair da igreja. Fiz o caminho de volta para a escola chorando, sentindo um enjoo terrível e com pavor de que fosse vomitar. Então, vi minha mãe esperando por mim no carro, entrei no banco de trás e expliquei que estava me sentindo muito mal. Eu me deitei no banco de trás. Minha mãe me levou para casa e não precisei contar para ela nenhuma das coisas horríveis que eu tinha feito porque ela achou que eu estava doente de verdade.

Mais tarde naquela noite, ela me trouxe uma tigela de sopa e se sentou na beira da cama enquanto eu comia. Ela disse que eu deveria ter contraído uma virose ou algo assim, e estava contente por eu estar me sentindo melhor, mas eu não precisava ir para a escola amanhã se não quisesse. Então ela apagou a luz e me deu um beijo de boa-noite.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Eu fiz uma coisa horrível hoje. Simplesmente horrível! Com certeza sou a pessoa mais horrível que já viveu e, de verdade, não mereço que nada de bom aconteça comigo. Eu impliquei com a Laura Danker. Só porque estava me sentindo maldosa, descontei tudo nela. Eu magoei mesmo a Laura. Por que você me deixou fazer isso? Eu tenho procurado você, Deus. Procurei na sinagoga. Procurei na igreja. E hoje, procurei você quando quis me

confessar. Mas você não estava lá. Eu não senti você. Não do jeito que sinto quando falo com você de noite. Por quê, Deus? Por que eu só sinto você quando estou sozinha?

Uma semana antes do recesso de primavera, a carta chegou. Só que não era da vovó e não era sobre minha viagem para a Flórida. Era de Mary e Paul Hutchins, meus outros avós. Isso era muito estranho porque, desde que renegaram minha mãe quando se casou, eles obviamente nunca escreveram para ela. Meu pai, que não tinha nenhuma opinião boa sobre eles, ficou furioso de verdade.

— Como eles têm o nosso endereço? Só responda a essa pergunta simples, por favor! Como foi que eles arrumaram o nosso endereço?

Minha mãe praticamente sussurrou a resposta:

— Eu mandei um cartão de Natal para eles. Foi assim.

Meu pai berrou:

— Não consigo acreditar, Bárbara! Depois de catorze anos você mandou um cartão de Natal para *eles*?

— Eu estava me sentindo meio emotiva. Então mandei um cartão. Não escrevi nada nele. Só nossos nomes.

Meu pai agitou a carta na frente da minha mãe.

— Então agora, depois de catorze anos... *catorze anos*, Bárbara! Agora eles mudam de ideia?

— Eles querem nos ver. Só isso.

— Eles querem ver *você*, não eu! Eles querem ver a Margaret! Para ter certeza de que ela não nasceu com chifres!

— Herb! Para com isso! Você está exagerando...

— *Eu estou exagerando?* Que engraçado, Bárbara. Muito engraçado.

— Querem saber o que eu acho? — perguntei a eles. — Acho que vocês dois estão exagerando!

Saí correndo da cozinha e disparei escada acima para o meu quarto. Bati a porta. Eu odiava quando brigavam na minha frente. Por que eles não sabiam o quanto eu odiava isso? Não sabiam como eles ficavam horríveis? Eu ainda conseguia ouvir os dois, gritando e continuando a brigar. Tapei os ouvidos com as mãos enquanto atravessava o quarto até o toca-discos. Então tirei a mão de uma orelha e liguei o disco do Mice Men o mais alto que podia. Aí, sim... muito melhor.

Poucos minutos depois, a porta do meu quarto abriu. Meu pai foi direto para o toca-discos e o desligou. Minha mãe estava com a carta na mão e os olhos vermelhos. Eu não falei nada.

Meu pai andava de um lado para o outro.

— Margaret... — ele enfim disse. — Isso tem a ver com você. Acho que, antes de a gente fazer ou dizer qualquer outra coisa, você deveria ler a carta dos seus avós. Bárbara... — Ele estendeu a mão.

Minha mãe entregou a carta para meu pai e ele me passou. A letra era inclinada e perfeita, do jeito que costuma ser no terceiro ano quando se aprende a escrever com letra cursiva. Eu me sentei na cama.

Querida Bárbara,

Seu pai e eu temos pensado muito em você. Estamos envelhecendo. Você deve achar isso difícil de acreditar, mas estamos. E, de repente, mais do que qualquer outra coisa, queremos ver nossa única filha.

Nós nos perguntamos se é possível que tenhamos cometido um erro catorze anos atrás. Nós discutimos a situação com nosso pastor e grande amigo, reverendo Baylor. Você se lembra dele, querida, não lembra? Nossa, ele batizou você quando ainda era bebezinha. Ele diz que nunca é tarde para tentar de novo. Então seu pai e eu estamos indo passar uma semana na Costa Leste e esperamos que nos deixe fazer uma visita e conhecer nossa neta, Margaret Ann.

Os detalhes do voo seguem nas outras páginas.

Sua mãe,

Mary Hutchins

Que carta repugnante! Não era de se espantar que meu pai estivesse furioso. Ele nem era mencionado.

Devolvi a carta para o meu pai, mas não disse nada porque não sabia o que tinha que dizer.

— Eles vêm no dia 5 de abril — meu pai disse.

— Ah, então eu nem vou ver os dois — falei, feliz da vida. — Eu vou para a Flórida dia 4.

Minha mãe olhou para meu pai.

— Ué — falei. — Não é isso? Eu vou para a Flórida dia quatro!

Eles continuaram em silêncio e depois de um minuto eu sabia... eu *sabia* que não ia para a Flórida! E aí eu tinha muita coisa para dizer. Muita!

— Eu não quero ver eles — gritei. — Não é justo! Eu quero ir para a Flórida e ficar com a vovó. Papai... *por favor!*

— Não olhe pra mim — meu pai disse em voz baixa. — Não é culpa minha. Não fui eu que enviei um cartão de Natal para eles.

— Mãe! — gritei. — Você não pode fazer isso comigo. Não pode! Não é justo... não é!

Eu odiei minha mãe. Odiei de verdade. Ela era tão idiota. Por que é que ela teve que mandar um cartão estúpido para eles?

— Calma, Margaret. Não é o fim do mundo — minha mãe disse, me abraçando. — Você vai ter outras oportunidades para ir para a Flórida.

Eu me desvencilhei dela enquanto meu pai dizia:

— É melhor alguém ligar para a Sylvia e avisar sobre a mudança de planos.

— Eu faço a ligação e Margaret pode contar para ela — minha mãe disse.

— Ah, não! — gritei. — Você conta para ela. A ideia não foi minha!

— Está bem — minha mãe disse em voz baixa. — Está bem, eu conto.

Segui meus pais até o quarto deles. Minha mãe pegou o telefone e fez uma ligação direta para o quarto de hotel da minha avó. Depois de alguns

minutos, ela disse:

— Oi, Sylvia... É Bárbara... Não, não tem nada de errado... Está tudo bem... Sim, de verdade... É claro que tenho certeza... É só que a Margaret não vai poder visitar você no final das contas... É claro que ela está aqui... Ela está aqui do meu lado... Sim, você pode falar com ela...

Minha mãe estendeu o telefone para mim. Mas eu balancei a cabeça e me recusei a pegar o telefone. Então mamãe cobriu o bocal e sussurrou:

— A vovó acha que você está doente. Você precisa dizer para ela que está bem.

Peguei o telefone.

— Vovó — falei —, é a Margaret.

Eu ouvi a vovó prender a respiração.

— Não tem nada de errado, vovó... Não, não estou doente... Ninguém está doente... É claro que tenho certeza... Mas eu quero muito ir, vovó. Eu só não vou poder. — Senti as lágrimas encherem os olhos. Minha garganta doeu quando engoli. Minha mãe fez um gesto para eu contar para vovó o resto da história. — Eu não posso ir para Flórida porque vamos receber visitas na mesma semana. — Agora minha voz estava muito aguda, esganiçada.

Vovó me perguntou que visitas eram.

— Meus outros avós — falei. — Você sabe, a mãe e o pai da mamãe... Ninguém convidou os dois, na verdade... Mas a mamãe mandou um cartão de Natal com o nosso endereço novo e agora recebemos uma carta deles dizendo que estão vindo e que querem me conhecer... Bom, eu sei que você quer me ver também. E eu quero ver você, mas a mamãe não deixa...

Aí comecei a chorar de verdade e minha mãe pegou o telefone.

— Todos nós sentimos muito, Sylvia. É só uma dessas coisas que acontecem. A Margaret entende. Eu espero que você também. Obrigada, Sylvia. Eu sabia que entenderia... Sim, Herb está bem. Vou passar para ele. Só um minuto. — Eu corri de volta para o quarto enquanto meu pai dizia:

— Oi, mãe.

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret. Estou tão mal! Está tudo errado. Absolutamente tudo! Acho que essa é a minha punição por ser uma pessoa horrível. Imagino que você deve achar que é justo que eu sofra depois do que fiz com a Laura. Não é isso, Deus? Mas eu sempre tentei fazer o que você queria. Tentei de verdade. Por favor, não deixa meus avós virem, Deus. Faça alguma coisa acontecer para eu poder ir para a Flórida de qualquer jeito. Por favor...

Naquela semana, minha mãe enlouqueceu limpando a casa enquanto eu esperava alguma coisa acontecer. Achei que seria um telegrama dizendo que eles não poderiam vir no final das contas. Eu tinha certeza de que Deus só queria me punir um pouquinho. Não por todo o recesso de primavera.

— Anime-se, Margaret — minha mãe disse num jantar. — As coisas nunca são tão ruins quanto parecem.

— Como você pode estar feliz por eles virem? — perguntei. — Depois de todas as histórias que vocês me contaram sobre eles... como?

— Quero mostrar como me virei muito bem por catorze anos sem a ajuda deles. E quero que vejam minha família maravilhosa.

Meu pai disse:

— Você não pode esperar que a Margaret esteja transbordando de alegria quando os planos dela foram cancelados na última hora.

— Olha aqui, Herb — minha mãe disse —, eu não perdoei meus pais. Você sabe. Nunca vou perdoar. Mas eles estão vindo para cá. Não posso dizer não. Tente entender... vocês dois, tentem... por favor.

Minha mãe nunca tinha me pedido para fazer isso antes. Normalmente, era eu quem pedia para ela tentar entender.

Meu pai deu um beijo na bochecha dela enquanto ela recolhia a louça. Ele prometeu fazer o melhor que pudesse. Eu prometi também. Minha mãe deu um beijo em nós dois e disse que tinha a melhor família no mundo.

No dia 5 de abril, minha mãe e eu fomos ao aeroporto de Newark para encontrar os meus avós. Meu pai não foi junto. Ele achou que seria melhor ficar em casa e cumprimentar todo mundo lá.

No caminho para o aeroporto, minha mãe me passou um relatório:

— Margaret, não estou tentando justificar a minha mãe e o meu pai. Mas eu quero que saiba que seus avós têm suas crenças também. E catorze anos atrás... bem... eles fizeram o que acharam que era certo. Mesmo que a gente saiba que foi crueldade. As crenças eram importantes nesse nível. O que eu estou dizendo faz sentido para você?

— Um pouco — falei.

Quando anunciaram a chegada do voo 894 de Toledo, eu segui minha mãe até o portão. Eu soube quem eram logo de cara. Soube pelo jeito com que desciam as escadas do aeroporto, um se segurando no outro. E quando eles se aproximaram, eu soube pelo sapato da minha avó — preto, com cadarço e salto grosso —, um sapato de senhora. Meu avô tinha cabelo branco em volta da cabeça, mas nada no topo. Ele era mais velho e mais gordo que a minha avó.

Eles olharam um pouco ao redor antes de minha mãe chamar.

— Estamos aqui... Aqui.

Eles caminharam até nós, ficando mais empolgados quando reconheceram minha mãe. Ela deu um abraço rápido em cada um deles. Eu fiquei parada ali me sentindo meio idiota até que minha avó disse:

— E essa deve ser Margaret Ann. — Quando ela disse isso, notei a cruz pendurada no seu pescoço. Era a maior que eu já tinha visto. E brilhava!

Eu não queria que eles me tocassem. E talvez eles tenham percebido, porque quando minha avó se inclinou como se fosse me dar um beijo, eu fiquei dura. Não foi de propósito. Só aconteceu.

Acho que minha mãe entendeu como eu me sentia, porque ela falou para eles que era melhor irmos pegar a bagagem.

Quando chegamos em casa, meu pai nos encontrou na porta da frente e carregou as malas para dentro. Eles tinham duas. As duas eram marrons e novas.

— Olá, Herb — minha avó disse.

— Olá, sra. Hutchins — meu pai respondeu.

Eu achei muito engraçado meu pai usar “senhora” com ela.

Meu avô apertou a mão do meu pai.

— Está parecendo bem, Herb — ele disse.

Meu pai pressionou os lábios, mas enfim conseguiu dizer:

— Obrigado.

Isso é mais difícil pra o meu pai do que para mim, pensei.

Minha mãe e eu levamos meus avós para o quarto em que ficariam.

Em seguida, minha mãe desceu para cuidar do jantar. Eu disse:

— Se precisarem de alguma coisa, é só pedir.

— Obrigada, Margaret Ann — minha avó disse. Ela tinha um jeito engraçado de apertar os lábios.

— Não precisa me chamar de Margaret Ann — falei. — Ninguém me chama assim. Só Margaret está bom.

Minha mãe fez um jantar realmente chique. Do tipo que ela faz quando recebe amigos e eu tenho que ir para cama cedo. Tinha flores na mesa e ela contratou uma moça para lavar a louça.

Minha mãe colocou um vestido novo, e o cabelo dela estava bonito. Ela não se parecia nada com seus pais. Minha avó trocou de vestido também, mas ainda usava a cruz no pescoço.

Durante o jantar, todos nós tentamos manter uma conversa civilizada. Minha mãe e minha avó falaram de velhos amigos de Ohio e o que andavam fazendo. Meu avô, na maior parte do tempo, dizia:

— Por favor, pode me passar a manteiga...? Por favor, pode me passar o sal...?

Naturalmente, eu me comportei da melhor maneira possível. Enquanto estávamos comendo a carne assada, meu avô derrubou um copo de água, e minha avó lhe lançou um olhar feio, mas minha mãe disse que água não fazia mal a ninguém. A moça que estava trabalhando na cozinha secou tudo.

Durante a sobremesa, minha mãe explicou para meus avós que tinha acabado de encomendar a mobília nova para a sala, e que sentia muito que eles não iam ver. Eu sabia que ela não tinha encomendado nada ainda, mas fiquei quieta.

Depois do jantar, nos sentamos no escritório, e meu avô fez algumas perguntas para o meu pai, como:

AVÔ: Você ainda está na área de seguros?

PAI: Sim.

AVÔ: Você investe no mercado de ações?

PAI: Às vezes.

AVÔ: Esta é uma casa e tanto.

PAI: Obrigado. Nós também gostamos dela.

Enquanto minha avó falava com minha mãe sobre coisas tipo:

AVÓ: Nós passamos o Dia de Ação de Graças na Califórnia.

MÃE: Ah, é?

AVÓ: Sim, seu irmão tem uma esposa adorável.

MÃE: Fico feliz por ele.

AVÓ: Ah, se eles fossem abençoados com um filho. Sabe, estão pensando em adotar.

MÃE: Espero que façam mesmo isso. Todo mundo deveria ter uma criança para amar.

AVÓ: Sim, eu sei... Eu sempre quis dezenas de netos, mas a Margaret é tudo que tenho.

Então minha mãe pediu licença para pagar a moça na cozinha, que fez um sinal de que o táxi dela já estava esperando. Então minha avó se virou para mim.

— Você gosta da sua escola? — ela perguntou.

— Quase sempre — respondi.

— Você tira boas notas?

— Muito boas — falei.

— E como está se saindo na escola dominical?

Minha mãe voltou para o escritório e se sentou do meu lado.

— Eu não faço escola dominical — falei.

— Não faz?

— Não.

— Pai... — (Era assim que minha avó chamava o meu avô. Ele a chamava de “mãe”.)

— O que é, mãe? — meu avô disse.

— Margaret não faz escola dominical.

Minha avó balançou a cabeça e ficou mexendo na cruz do cordão.

— Olha — minha mãe disse, tentando sorrir —, vocês sabem que não temos nenhuma religião.

Lá vem, pensei. Eu quis sair dali, mas ao mesmo tempo me sentia colada na cadeira.

— Nós esperávamos que vocês tivessem mudado de ideia sobre religião a essa altura — meu avô disse.

— Sobretudo pelo bem de Margaret — minha avó completou. — Uma pessoa precisa ter uma religião.

— Não vamos entrar numa discussão filosófica — meu pai declarou, irritado. Ele lançou um olhar de alerta para minha mãe do outro lado da sala.

Meu avô riu.

— Não estou filosofando, Herb.

— Escutem, nós vamos deixar Margaret escolher a religião que ela quiser quando crescer — minha mãe explicou.

— Se ela quiser! — meu pai disse, desafiador.

— Que bobagem! — minha avó comentou. — Não se escolhe a religião.

— A pessoa nasce numa religião! — meu avô explodiu.

Minha avó sorriu enfim e deu uma risadinha.

— Então Margaret é cristã! — anunciou, como se todo mundo devesse saber.

— Por favor... — minha mãe disse. — Margaret poderia muito bem ser judia. Vocês não veem que... se continuarem com isso, vão estragar tudo?

— Não quero chatear você, querida — minha avó disse para minha mãe. — Mas uma criança segue sempre a religião da mãe. E você, Bárbara, nasceu cristã. Você foi batizada. É simples assim.

— Margaret não é nada! — meu pai estourou. — E eu agradeço se pudermos encerrar essa discussão agora mesmo.

Eu não queria ouvir mais nada. Como eles podiam falar daquele jeito na minha frente? Eles não sabiam que eu era uma pessoa de verdade... com sentimentos de verdade?

— Margaret — minha avó disse, tocando meu braço. — Não é tarde demais para você, querida. Você ainda é filha de Deus. Enquanto estou aqui, talvez possa levar você à igreja e falar com o pastor. Ele pode acertar as coisas.

— Parem com isso! — eu berrei, levantando num pulo. — Todos vocês! Só parem! Eu não aguento ouvir vocês nem mais um minuto. Quem precisa de religião? Quem? Eu não... Eu não preciso. Eu nem preciso de Deus! — Saí do escritório e corri para o quarto.

Ouvi minha mãe dizer:

— Por que tinham que começar com isso? Agora vocês estragaram tudo!

Eu nunca mais ia falar com Deus. Afinal, o que ele queria de mim? Para mim, chega de Deus e das religiões dele! E eu não ia colocar um pé sequer na ACM nem no Centro Comunitário Judaico... *nunca mais*.

Na manhã seguinte, fiquei no meu quarto. Eu nem quis descer para tomar café da manhã. Até me peguei começando a falar *Ei, Deus, está aí?*, mas me lembrei de que não estava mais falando com ele. Eu me perguntei se ele ia jogar um raio em mim. Bom, problema dele!

De tarde, eu não aguentava mais ficar em casa, então pedi para minha mãe me levar no centro para encontrar Janie e ver um filme. Minha mãe concordou que eu precisava arejar a cabeça por umas horas. Janie e eu nos encontramos na farmácia da esquina, em frente ao cinema. A gente chegou vinte minutos mais cedo, então entramos na farmácia para olhar as coisas. Na maioria das vezes, a gente gostava de inspecionar a prateleira de absorventes.

Depois de alguns minutos olhando, eu sussurrei para Janie:

— Vamos comprar uma caixa.

Era algo em que eu vinha pensando havia um tempo, mas nunca tinha coragem de fazer. Hoje estava me sentindo corajosa. Pensei: *E daí que Deus está bravo comigo? Quem liga? Eu até testei Deus atravessando a rua fora da faixa e com o sinal vermelho para mim. E nada aconteceu.*

— Comprar para quê? — Janie perguntou.

— Por via das dúvidas — falei para ela.

— Quer dizer para guardar em casa?

— Claro. Por que não?

— Eu não sei. A minha mãe pode não gostar — Janie disse.

— Então não conta para ela.

— Mas e se ela achar?

— Vai estar numa sacola. Você pode dizer que é coisa para escola — falei. — Você tem dinheiro suficiente para comprar?

— Sim.

— Tá bom. Agora, de que tipo a gente deveria comprar? — perguntei.

— Que tal o da Teenage Softies? — Janie disse. — É o que a Gretchen usa.

— Tudo bem. — Tirei uma caixa de Teenage Softies da estante. — Bom, vai logo — eu disse para Janie. — Pega a sua.

— Tá bom, tá bom. — Janie pegou outra caixa.

Peguei também um pente roxo daqueles compactos de viagem para parecer que estávamos fazendo compras normais.

Corremos para o caixa com nossas coisas e depois fugimos na mesma velocidade quando vimos que era um rapaz atrás do balcão.

— Não consigo — Janie sussurrou. Ela colocou a caixa de volta na prateleira. — Estou com medo.

— Não seja boba. O que é que tem para... — Eu fui interrompida por uma vendedora num jaleco azul de médico.

— Posso ajudar, meninas? — ela perguntou.

Janie balançou a cabeça, mas eu falei:

— Nós vamos levar esses, por favor. — Eu peguei a caixa de Janie da estante e mostrei para a vendedora o que selecionamos.

— Perfeito, meninas. Levem no caixa e o Max vai embrulhar para vocês.

Janie não se mexeu. Ela parecia estar grudada no chão. Estava com uma expressão besta na cara... algo entre choro e riso. Então eu agarrei a caixa dela e andei até o caixa, Max. Larguei tudo na frente dele e fiquei parada ali, sem olhar para o rosto dele e sem dizer nada. Ele calculou tudo e eu fiz um gesto para Janie me passar a parte dela. Então falei:

— Duas sacolas, por favor.

Max pegou meu dinheiro e me passou o troco, que eu não me dei ao trabalho de contar, e aí ele me passou dois saquinhos de papel pardo. Foi só isso! Era quase como se ele vendesse esse tipo de coisa todo dia.

Quando chegamos em casa do cinema, minha mãe perguntou:

— O que tem nessa sacola?

Eu respondi:

— Coisas para a escola.

Fui para o quarto com minhas compras. Eu me sentei na cama encarando a caixa de Teenage Softies. Eu esperava que Deus estivesse olhando. Tomara que ele visse que eu conseguia me virar sem ele! Abri a caixa e tirei um absorvente. Fiquei segurando por muito tempo.

Enfim eu me levantei e fui até meu closet. Estava escuro ali dentro. Ainda mais com a porta fechada. Eu queria ter um daqueles closets imensos, com luzes e fechadura, mas dei um jeito. Coloquei o absorvente entre as pernas e depois levantei a calcinha. Eu queria saber qual era a sensação. Agora eu sabia. E gostava. Pensei em dormir com meu absorvente naquela noite, mas decidi não fazer isso. Se a casa pegasse fogo, poderiam descobrir esse meu segredo. Então tirei o absorvente, coloquei de volta na caixa e escondi a sacola na última gaveta da minha escrivaninha. Minha mãe nunca olha ali porque a bagunça deixa ela completamente louca!

Na manhã seguinte, meus avós anunciaram que iam para Nova York.

— Vocês disseram uma semana! — minha mãe falou. — Vocês disseram que iam ficar por uma semana!

— Realmente — meu avô respondeu a ela. — Mas decidimos passar o resto da semana em Nova York, em um hotel.

— Entendi — minha mãe disse.

Meu pai se escondeu atrás do jornal, mas vi o sorriso dele. Só no que eu conseguia pensar era que tinham estragado minha viagem para a Flórida e agora eles nem iam ficar. Não era justo! Foi uma enganação e tanto!

Quando minha mãe voltou para casa depois de levar os dois até o terminal de ônibus, meu pai disse:

— Quanto você quer apostar que isso tudo era uma viagem para Nova York desde o início? Eles só passaram para ver você porque era conveniente.

— Eu não acredito nisso! — minha mãe disse.

— Bom, eu acredito — ele retrucou.

— Eles estragaram minha viagem — falei.

Ninguém me respondeu.

Às oito da noite, a campainha tocou. Estávamos no escritório. Eu disse que ia ver quem era e fui abrir a porta da frente.

— Vovó! — gritei. E me joguei para dar um abraço nela. — O que você está fazendo aqui em casa?

— Se Maomé não vai à montanha... a montanha vai a Maomé.

Eu ri, sabendo que eu era Maomé e que a vovó era a montanha. Tinha um homem parado ao lado da vovó, que se virou para ele.

— Morris — ela falou —, esta é minha Margaret.

Então a vovó fechou a porta de casa e anunciou:

— Margaret querida, este aqui é o sr. Morris Binamin.

— Rima com jasmim — ele me disse.

Eu sorri.

A vovó estava maravilhosa... muito bronzeada e loira. O sr. Binamin tinha uma cabeleira grisalha, um bigode combinando e óculos de aro preto. Estava bem bronzeado também. Ele segurava o braço da vovó.

— Onde estão eles? — a vovó perguntou.

— Mamãe e papai estão no escritório.

— Com os seus avós?

— Não... eles foram embora.

— Embora? — a vovó esbravejou. — Mas achei que eles iam ficar a semana toda.

— A gente também — falei.

— Mas Morris e eu viemos especialmente para ver os dois.

— Vieram mesmo? — falei. — Por quê?

A vovó e o sr. Binamin trocaram um olhar cheio de segredo.

— Bom... Pensamos que você talvez precisasse do nosso apoio.

— Ah, vovó! Eu sei me virar muito bem sozinha.

— Eu sei que consegue. Você é minha Margaret, não é? Me conta... eles tentaram alguma coisa?

— Tipo o quê? — perguntei.

— Sabe — vovó disse —, coisas de igreja.

— Ah... um pouco — admiti.

— Eu sabia! — vovó reclamou. — Eu não te falei? — ela comentou com o sr. Binamin.

Ele assentiu.

— Você sabia bem quem eles eram o tempo todo, Sylvia.

— Lembre-se, Margaret... Não importa o que disseram... Você é judia.

— Não sou, não! — rebati. — Eu não sou nada, e você sabe! Eu nem acredito em Deus!

— Margaret! — Vovó disse. — Nunca mais fale assim de Deus.

— Por que não? — perguntei. — É verdade!

Eu queria perguntar a Deus se ele tinha ouvido isso! Mas eu não estava falando com ele, e acho que ele sabia muito bem!

A essa altura, minha mãe e meu pai estavam na sala de estar e a vovó estava fazendo as apresentações. Meus pais olharam o sr. Binamin de cima a baixo, e ele se ocupou bastante avaliando eles também.

Então minha mãe fez café e serviu uns folheados recheados. Ela me ofereceu leite com biscoitos de gengibre, mas eu estava sem fome. Só queria sair dali, então bocejei bem alto sem cobrir a boca.

— Margaret querida, se está tão cansada, por que não vai dormir? — vovó disse.

— Acho que vou. Boa noite, pessoal.

Às vezes, a vovó é quase tão ruim quanto o resto das pessoas. Desde que ela me ame e eu ame ela, que diferença faz a nossa religião?

O sr. Benedict anunciou que nossos relatórios do trabalho individual daquele ano deveriam ser entregues na próxima sexta-feira. Eles não receberiam nota, para que a gente fosse completamente honesto e não se preocupasse em agradar. Ele esperava que todos nós tivéssemos aprendido algo valioso. Na quinta-feira de noite, escrevi uma carta.

25 de maio

Prezado sr. Benedict,

Eu conduzi um experimento sobre religião ao longo do ano, mas não cheguei a nenhuma conclusão a respeito de que religião quero seguir quando crescer — se é que quero ter alguma.

Eu li três livros sobre o assunto. Foram: *Judaísmo moderno*, *Uma história da cristandade* e *Catolicismo: passado e presente*. Eu frequentei cultos na Primeira Igreja Presbiteriana de Farbrook. Fui à Igreja Metodista Unida de Farbrook na véspera de Natal. Fui ao Templo de Israel, em Nova York, no Rosh Hashaná, que é um feriado judaico. Fui me confessar na Igreja de São Bartolomeu, mas acabei saindo do confessionário porque não sabia o que dizer. Não tentei ser budista ou muçulmana porque não conheço ninguém dessas religiões.

Não gostei muito dos meus experimentos religiosos e não acho que vou escolher um caminho ou outro por um bom tempo. Não acho que uma pessoa possa decidir seguir uma religião assim. É como escolher o próprio nome. Você ia pensar muito a respeito e depois ainda acabaria mudando de ideia.

Se algum dia eu tiver filhos, vou dizer a eles de que religião têm que ser para que possam começar a aprender desde bem cedo.
Aos doze anos já é tarde demais.

Sinceramente,
Margaret Ann Simon

Na sexta-feira, todo mundo entregou um monte de folhas com uma capa decorada. A única coisa que eu tinha para entregar era a carta. Não podia colocar aquilo com a pilha de trabalhos. Fiquei com vergonha demais. Parecia que eu não tinha feito nada.

Quando tocou o sinal, fiquei sentada na minha carteira enquanto os outros saíam em fila.

Quando o sr. Benedict levantou a cabeça, ele disse:

— Sim, Margaret?

Andei até a mesa dele com minha carta.

— Eu não fiz um trabalho assim — falei.

— Ah é?

— Eu, ahn... Eu escrevi uma carta para você. — Entreguei a carta para ele, então fiquei parada ali enquanto ele lia. — Eu me esforcei muito, sr. Benedict. Eu... eu sinto muito. Queria ter preparado algo melhor.

Eu sabia que ia chorar. Não conseguia dizer mais nada. Então saí da sala correndo.

Cheguei no banheiro feminino antes das lágrimas. Ainda dava para ouvir o sr. Benedict chamando:

— Margaret... Margaret...

Eu não prestei atenção. Joguei água fria no rosto. Depois, fui andando devagar para casa, sozinha.

O que é que tinha de errado comigo? Quando eu tinha onze anos, quase nunca chorava. Agora tudo, qualquer coisa, me deixava à beira das lágrimas. Eu queria falar sobre isso com Deus. Mas não ia contar isso para ele, mesmo que sentisse saudades.

Em junho, a Associação de Pais e Mestres deu uma festa de despedida no ginásio e nenhuma das meninas do sexto ano estava de meia. Eu usei minha meia-calça e puxei o fio pela primeira vez uma hora depois. Só conseguia pensar que eu ia para o sétimo ano em setembro e que estava crescendo. Minha cabeça sabia disso... mesmo que meu corpo não soubesse.

A festa no ginásio foi muito parecida com a quadrilha do Dia de Ação de Graças. A sra. Wheeler e a sra. Fishbein estavam na organização, mas dessa vez elas estavam com roupas normais.

Nossa turma presenteou o sr. Benedict com um par de abotoaduras prateadas, que a mãe de Gretchen tinha comprado numa promoção. Ele pareceu gostar muito, porque limpou a garganta várias vezes e parecia não saber o que dizer além de agradecer... e que, apesar de a gente não ter começado como a melhor turma de sexto ano do mundo, tínhamos avançado muito. E, graças a nós, no ano seguinte, ele seria um professor com experiência... *muita experiência!* Então todos nós rimos e algumas das garotas choraram, mas eu não.

Nancy, Gretchen, Janie e eu almoçamos no centro da cidade sozinhas e falamos de como seria o sétimo ano. Janie estava com medo de não conseguir encontrar as coisas no prédio novo e se perder. Gretchen disse que provavelmente todos os professores seriam assustadores, e Nancy disse que talvez não ficássemos juntas em muitas aulas, e aí todas nós fomos para casa e choramos.

Mais tarde naquele dia, minha mãe começou a preparar as minhas malas para o acampamento. Eu fiquei olhando ela colocar as pilhas de

bermudas e camisetas. Então ouvi o cortador de grama. Moose estava de volta. Primeiro, fiquei animada por vê-lo, mas depois fiquei brava, pensando em Laura e naquelas histórias que ele ajudou a espalhar sobre ela.

Eu corri escada abaixo e gritei:

— Ei, Moose!

Ele não me ouviu porque o cortador fazia muito barulho. Então corri até onde ele estava cortando grama e parei bem na frente dele, para que ele me visse, e gritei outra vez:

— Ei, Moose!

Ele desligou o cortador de grama.

— Você está no caminho — ele reclamou.

— Quero falar uma coisa para você.

— Fala.

Coloquei as mãos na cintura.

— Quer saber, Moose? Você é um mentiroso! Eu não acredito que você já ficou com a Laura Danker atrás do supermercado.

— E quem disse que eu fiquei?

— Como assim, quem disse?

— Ué, quem que te falou isso?

— Nancy me falou que o Evan contou para ela que vocês dois... — Eu parei. Estava parecendo uma idiota.

Moose balançou a cabeça para mim.

— Você sempre acredita em tudo que te contam dos outros? — ele perguntou.

Eu não sabia o que dizer.

Moose continuou:

— Bom, na próxima vez, não acredite sem verificar antes! Agora, se puder sair do meu caminho, eu tenho mais o que fazer.

Eu não me mexi.

— Quer saber, Moose? — perguntei.

— O que foi agora?

— Me desculpa por achar que você era mentiroso.

— Quer saber, Margaret? — Moose me perguntou.

— O quê?

— Você ainda está na minha frente!

Eu saltei para o lado para Moose poder ligar o cortador de grama de novo. Eu o ouvi cantar sua música preferida... sobre o Canal de Erie.

Voltei para dentro de casa. Precisava ir ao banheiro. Estava pensando em Moose e em como eu gostava de ficar perto dele. Estava contente por ele não ser um mentiroso e por cortar nossa grama. Então olhei pra minha calcinha e não pude acreditar. Tinha sangue. Não muito... mas o suficiente. Eu gritei bem alto:

— Mãe... *ei, mãe... Vem aqui, rápido!*

Quando minha mãe chegou no banheiro, ela disse:

— O que foi? Qual o problema?

— Eu fiquei — falei para ela.

— Ficou o quê?

Eu comecei a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Menstruada. Eu fiquei menstruada!

Meu nariz começou a escorrer e eu peguei um pouco de papel.

— Tem certeza, Margaret? — ela perguntou.

— Olha... Olha isso — eu disse, mostrando a minha calcinha.

— Meu Deus! Você ficou mesmo. Minha garotinha! — Então seus olhos se encheram de lágrimas e ela começou a fungar também. — Espera um pouco... Eu tenho tudo de que precisa no outro quarto. Eu ia colocar nas suas coisas do acampamento, por via das dúvidas.

— Você ia?

— Ia. Só para garantir. — Ela saiu do banheiro.

Quando ela voltou, eu perguntei:

— É daquela marca Private Lady?

— Não, eu comprei da Teenage Softies.

— Ótimo — falei.

— Agora, olha só, Margaret... É assim que se faz. O absorvente gruda na calcinha e...

— Mãe — eu interrompi. — Eu já pratico no meu quarto há dois meses!

Então minha mãe e eu rimos juntas, e ela disse:

— Nesse caso, acho que vou esperar do lado de fora.

Tranquei a porta do banheiro, tirei o papel que protegia o adesivo no verso do absorvente e coleí essa parte na minha calcinha. Então me vesti e me olhei no espelho. Será que alguém ia saber o meu segredo? Dava para ver? Será que o Moose, por exemplo, notaria se eu voltasse lá fora e falasse com ele? Será que meu pai ia perceber assim que chegasse em casa para jantar? Eu precisava ligar para Nancy, Gretchen e Janie naquele segundo! Tadinha da Janie! Ela ia ser a última das EPAs a ficar menstruada. E eu tinha tanta certeza de que eu seria a última! E olha só o que aconteceu! Agora estou crescendo, com certeza. Já sou quase uma mulher!

Ei, Deus, ainda está aí? Sou eu, Margaret. Sei que você está aí, Deus. Sei que você não perderia isso por nada! Obrigada, Deus. Muito, muito obrigada...

Título original
ARE YOU THERE GOD?
IT'S ME, MARGARET

Copyright do texto © 1970, copyright renovado 1998 *by* Judy Blume

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARINA ALBUQUERQUE

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: novembro, 2023.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos, localidades é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B624e

Blume, Judy

Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret [recurso eletrônico] / Judy Blume ; tradução Luisa Geisler. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2023.
recurso digital

Tradução de: Are you there God? It's me, Margaret

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5595-221-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Geisler, Luisa. II. Título.

23-85245

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

25/07/2023 31/07/2023

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

JUDY BLUME é autora best-seller do *New York Times* de livros para jovens, incluindo *Ei, Deus, está aí? Sou eu, a Margaret*, e de romances como *Wifey*, *Irmãos de verão* e *In the Unlikely Event*. Ela passou a infância em Nova Jersey e já publicou trinta livros, que venderam mais de noventa milhões de exemplares em quarenta idiomas. Apesar do impacto inigualável na literatura para jovens, a honestidade de Blume teve seu preço: até hoje seus livros são alvo de polêmicas e censura em diversos lugares dos Estados Unidos.

Entre os inúmeros prêmios e honrarias, Blume já recebeu a Medalha da Fundação Nacional do Livro em 2004 por sua Contribuição Distinta para as Letras Americanas, o prêmio Living Legends da Biblioteca do Congresso, o E.B. White Award da Academia Americana de Letras e Artes, e o Carl Sandburg Literary Award da Fundação de Bibliotecas Públicas de Chicago. Em 2021, foi premiada como uma das principais vozes contra a censura pela Universidade Yale.

Em 2016, a autora e o marido fundaram a livraria independente Books & Books na cidade de Key West, onde moram. Blume ainda trabalha na livraria e, nas suas próprias palavras: “Depois de cinquenta anos de escrita, é muito divertido conhecer tantos leitores e apresentá-los aos meus autores favoritos.”

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)